

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

VOLUME 40 NÚMERO 28 - DEZEMBRO DE 1998



/99

28/1998

CENTENARIO DE LUÍS DA CÂMARA CASCU



**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS**

**VOLUME 40 - NÚMERO 28
DEZEMBRO/1998**

THE NATIONAL ARCHIVES
COLLECTIONS
SERIES



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

**VOLUME 40 - NÚMERO 28
DEZEMBRO/1998**



Digitação: Maricely de Medeiros

Revisão: Pelos Autores

REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. V. 40, N.º 28, Dezembro/ 1998.

104 p.

1 – Literatura

CDU:820

DIRETORIA ATUAL DA ACADEMIA



Presidente:

Diógenes da Cunha Lima

Vice-Presidente:

Paulo Macêdo

1º Secretário:

Nilson Patriota

2º Secretário:

João Batista Pinheiro Cabral

Tesoureiro:

Enélio Lima Petrovich

Diretor da Biblioteca:

Dorian Gray Caldas

Editor e Diretor da Revista:

João Wilson Mendes Melo

Comissão de Contas:

Sanderson Negreiros

Gilberto Avelino

Maria Eugênia Montenegro

Comissão de Sindicância:

Jurandir Navarro

Alvamar Furtado de Mendonça

José Melquíades de Macêdo

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS PATRONOS E ACADÊMICOS

Cadeira n.º	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
01	Padre Miguelinho	Adauto Câmara	Raimundo Nonato da Silva Sílvio Piza Pedroza – Falecido
02	Mísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão Grácio Barbalho
03	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra - Falecido em 6.03.96	José de Anchieta Ferreira- eleito
04	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich
05	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida Manoel Onofre de Souza Júnior
06	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva João Batista Pinheiro Cabraal
07	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho Nestor dos Santos Lima
08	Isabel Godim	Matias Maciel	Walter Wanderley Nilson Patriota
09	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas Humberto Dantas Peregrino Júnior Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cico	Onofre Lopes da Silva Miguel Seabra Fagundes Fagundes de Menezes
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo Pinheiro de Melo - Falecido em 18.08.96
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes - Falecido
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antônio Pinto Eloy de Souza Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Chaves Wanderley Maria Eugênia Montenegro

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS PATRONOS E ACADÊMICOS - Continuação

Cadeira n.º	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluísio Alves
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	Dom Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacir Porto- Falecido
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcante	Luís Rabelo Valério Mesquita- eleito
22	Leão Fernandes	Padre Luís Monte	Dom José Adelino Pe. Jorge O'Grady de Paiva
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes Jaime dos Guimarães Wanderley Iaperi Soares de Araújo- Eleito
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo Antônio Soares Filho- Falecido em 03.08.96
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo - Eleito
28	Pe. João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandir Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo - Falecido em 29.02.96	Aluisio Azevedo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza- Falecido em 20.02.95	Hipérides Lamartine - Eleito
34	José da Penha	Alvamar Furtado	
35	Juvenal Antunes	Ednor Avelino	Gilberto Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo Medeiros Filho

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS PATRONOS E ACADÊMICOS - Conclusão

Cadeira n.º	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães
38	Luís Antônio	José Tavares	Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

SUMARIO

Luís da Câmara Cascudo Cem anos de ensinamentos	13
I – Os Acadêmicos Falam de Seu Patrono	15
1– O Pesquisador	17
Murilo Melo Filho	
2 – Cascudo e os Faróis do Saber de Curitiba	20
Nestor dos Santos Lima	
3 – Cascudo, Um Mestre e Um Amigo	25
Nilson Patriota	
4 – Luís da Câmara Cascudo e o Seridó	28
Olavo de Medeiros Filho	
5 – Impressões de Cascudo	31
Alvamar Furtado de Mendonça	
6 – A Benção	34
Diógenes da Cunha Lima	
7 – Vivência com Cascudo	37
Grácio Barbalho	
8 – Câmara Cascudo – O Professor	39
Jurandyr Navarro	
9 – O Imponderável Luís da Câmara Cascudo	42
Luís Carlos Guimarães	

10 – Patrimônio Cultural da Humanidade	44
Paulo Macedo	
11 – Cascudo: Relembrações	47
Valério Alfredo Mesquita	
12 – Centenário de Nascimento do Mestre Cascudo	49
Aluísio Azevedo	
13 – Mestre Cascudo	53
Manoel Onofre Jr.	
14 – O Homem e o Mestre	65
João Wilson Mendes Melo	
II – Colaboração dos Amigos da Academia	69
1 – Discurso do Deputado Federal João Faustino	71
2 – Carta à Luís da Câmara Cascudo	75
Maria Emília de Rodat Wanderley	
3 – Cascudo	77
Osvaldo Lamartine	
4 – Luís da Câmara Cascudo, Meu Mestre	81
Hamilton de Sá Dantas	
5 – Cascudo, Um Ano Depois	85
Cláudio Emerenciano.	
III – Biografia, Livros Publicados, Livros Inéditos	89

LUIS DA CAMARA CASCUDO CEM ANOS DE ENSINAMENTOS

O Estado do Rio Grande do Norte todas as suas instituições, notadamente as de fundo cultural, viveram neste 1998 as emoções trazidas pela recordação constante de Luís da Câmara Cascudo, seu intelectual maior.

Projetando o Estado, sua Natal querida e o Brasil no mundo da pesquisa e da exposição, em mais de cem livros escritos em quase todos os gêneros de literatura, de seu gabinete na província que amava e da qual não se afastou apesar das solicitações constantes, efetuadas pelas cidades e pelas organizações que poderiam manter o seu nome em altura ideal, exerceu ao máximo sua capacidade mental e o seu prazer pelo trabalho.

Além disso, suas qualidades pessoais, de modéstia e fraternidade, de bom humor e alegria contagiantes, fizeram-no amado por todos que o conheceram de perto, alunos em grande quantidade porque ele foi um homem da cátedra por excelência, e amigos que soube cativar. Era impossível alguém sair de sua “presença sem se sentir melhor e mais feliz”, na expressão carismática e universal de Madre Tereza de Calcutá.

Às grandes homenagens prestadas à sua memória, pela cidade do Natal, pelo Estado do Rio Grande do Norte e pelo Brasil, acrescenta-se as da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da qual faz parte esta edição de sua Revista, a ele inteiramente dedicada.

Seguindo a sua recomendação, em momento de sua vida em que transbordou a ternura, cada acadêmico, nesta hora, junta, “em ramallete suas felicidades miúdas”, para ofertar, com saudade, ao seu imortal mestre e amigo.

I **Os Acadêmicos Falam de Seu Patrono**

De acordo com o Regulamento Interno do Conselho Acadêmico, a eleição dos membros do Conselho Acadêmico é realizada anualmente, em sessão pública, no dia 15 de maio de cada ano. O processo eleitoral é conduzido pelo Conselho Acadêmico, que é composto por representantes de todos os cursos de graduação da instituição.

Os Acadêmicos Falam de Seu Patrono

O PESQUISADOR

Murilo Melo Filho

Cascudo foi professor, jornalista, escritor, musicista, etnógrafo, folclorista, antropólogo, historiador, romancista, mas sobretudo, e antes de mais nada, um pesquisador.

Levou a vida inteira pesquisando. Nada que lhe caísse sob as vistas escapava à sua curiosidade e ao interesse de pesquisador inveterado e contumaz. Pesquisou os costumes, os gestos, os alimentos, os mitos, as lendas, os usos, as **estórias**, o folclore, as superstições, o samba, Natal e o Rio Grande do Norte, escrevendo sobre cada um deles livros imorredouros e inesquecíveis.

Certa vez, sabendo que o escritor, acadêmico e seu amigo Antônio Olinto se encontrava em Lagos, na Nigéria, escreveu-lhe dizendo que estava fazendo uma pesquisa sobre **xangô** e que precisava de todos os dados que pudesse reunir a respeito.

Depois, sabendo que seu filho, Fernando, tinha contato com o compositor Luiz Gonzaga em Pernambuco, escreveu-lhe pedindo que o mandasse tudo sobre o **xaxado**, verbete importante num dicionário que estava escrevendo.

Membro titular da Academia Norte-Rio-grandense de Letras, do Pen Club do Brasil, da Associação Brasileira de Imprensa e da União Brasileira de Escritores.

E ficou muito feliz um dia quando, pesquisando a alimentação dos brasileiros, descobriu que o **vatapá** não era uma comida proveniente da África, mas sim dos africanos já radicados na Bahia. E por que ? Simplesmente porque se tratava de uma comida originária do milho, que não existia no continente africano, mas sim e apenas no solo baiano.

Foi, portanto, um pesquisador nato, talvez um dos maiores da cultura brasileira, que viveu até os 88 anos entre os 20 mil volumes de sua biblioteca então intocada, uma rede de dormir, e uma máquina de escrever, além das 55 condecorações e medalhas recebidas no Brasil e do exterior, entre as quais:

— Uma do governo italiano, que devolveu ao consulado da Itália em Natal assim que soube do torpedeamento, por submarino do Eixo de um navio mercante no nosso litoral.

— Outra, do Vaticano, a Comenda da Ordem de São Gregório Magno, sobre a qual comentou: “Não sei porque o Papa me condecorou. Logo eu, um pecador empedernido e convicto?”

Justamente agora, estamos comemorando o seu primeiro centenário de vida. Quando este século 20 nasceu, ele já tinha um ano de idade, pois viera ao mundo a 30 de dezembro de 1898 (“quase junto de Lampião, só que escolhi uma profissão mais lícita”). Costumava dizer que era uma das poucas pessoas na vida que não podia esconder a idade, porque a data do seu nascimento estava numa placa pregada na parede da casa em que nasceu no bairro da Ribeira e na rua que hoje tem o seu nome.

Fumante inveterado de charutos sem fim, bom garfo e bom copo, boêmio nas (poucas) horas vagas, fã de Heckel Tavares e de Joracy Camargo, filho, pai, marido, avô, e bisavô exemplares e amantíssimos, lendo em seis idiomas, escrevendo 160 livros, deputado por dois dias (empossou-se a 1º de outubro e foi casado no dia 3 pela revolução de 30) amante dos clássicos, viajou por vários estados brasileiros, e países europeus e africanos, recolhendo sempre materiais, dados e informações para suas pesquisas.

Esse **provinciano incurável**, que, por encomenda do então Prefeito Sylvio Pedroza, contou num admirável livro a história de sua cidade, recusou sempre todos as tentações para afastar-se dela: convite do Presidente Getúlio Vargas para eleger-se senador; chamamento da Academia Brasileira de Letras para integrar-se na **imortalidade**; e apelo do Presidente Juscelino Kubitschek para ser o reitor da nova Universidade de Brasília.

Em vida, recebeu todas as homenagens da cidade que tanto amava e na qual nasceu, viveu e morreu. Na morte, teve o povão, que tanto cantou em prosa e verso, acompanhando seu corpo, a pé, de bicicleta ou de moto, até a última morada. Era a maior homenagem com a qual tanto sonhou, naquilo que ele sempre chamou a sua **última morada**.

Quando isto aconteceu, o escritor Oswaldo Lamartine indagava, desolado: “A quem, agora, nós vamos perguntar as coisas ?”

CASCUDO E OS FARÓIS DO SABER DE CURITIBA

Nestor dos Santos Lima

Há muitos anos que queria conhecer Curitiba, cidade brasileira de elevado padrão cultural e um mínimo de analfabetos. Só agora beirando os oitenta, realizei esse sonho, durante oito dias. É verdade, Curitiba respira cultura. Os paranaenses, muitos dos quais imigrantes de dentro e de fora do país mas quase todos já chegaram lá capazes de ler, escrever e raciocinar. Daí o segredo do êxito do progresso de Curitiba.

Surpreendi-me ao verificar a rede de “faróis do saber” espalhada por todos os bairros da cidade, instituídos pela Prefeitura de Curitiba, no período em que foi dirigida por um homem inspirado, o Prefeito Rafael Grecca. São prédios pequenos, em forma circular, com espaço para biblioteca e sala de leitura, encimado o todo por uma torre como a do farol de Mãe Luisa mas não tão alta, com uma luz no topo, o farol do saber. Vendo esses faróis, fui irresistivelmente levado a pensar no Cascudinho, o nosso farol do saber, vivo e permanente na paisagem potiguar, no nosso triste estado que mantém um alto nível de analfabetismo, de que não se fala nos jornais, escapa a atenção dos nossos doutos acadêmicos que não se arriscam a acusar os Governos sucessivos de sua passividade ante o problema do atraso cultural do nosso torrão, onde se produzem mais livros mas não se faz nada para multiplicar os leitores. E porque não tentar promover uma campanha para enriquecer a paisagem urbana de Natal com uma rede de “faróis do saber

Cascudinho” em cada bairro da cidade? Seguramente poderíamos obter a cooperação do Estado do Paraná...

Cascudo nos deixou em 30 de julho de 1986, e todos nós, intelectuais norte-rio-grandenses nos sétimos desde então órfãos. A melhor expressão desse estado de espírito foi formulado pela pergunta do grande Oswaldo Lamartine que corre o Estado como fogo de palha em dia quente de seca: “E agora? A quem vamos perguntar sobre as nossas coisas?”

Na verdade, a partir da publicação do Dicionário Folclore Brasileiro, em 1954, Cascudo constituiu-se, pelo mérito de sua obra, o ponto de referência necessário para quem se inclinasse sobre os significados profundos dos fatos do nosso folclore e da linguagem em que os brasileiros os expressam. O Dicionário passou a ser ferramenta indispensável e fonte inesgotável de informação sobre o folclore vivo e residual, tão importantes para revelar os verdadeiros lineamentos da estrutura da nossa cultura popular, sedimento básico onde se alicerça a construção dos seus níveis mais elevados. A pergunta de Oswaldo Lamartine deixa lugar a uma outra que nos preocupa: “Dadas as condições em que vicejou o talento de Cascudo, num meio árido voltado para a busca dos mais mesquinhos aspectos de luta pela vida, poderia se formar um novo homem com idênticas características culturais, fechado em Natal, embora já dotada de uma pequena universidade capaz de melhorar o nível cultural da sociedade local? Outra questão: “A existência de um equipamento de comunicações só hoje disponível, se utilizado objetivamente, em que medida ajudaria o novo intelectual a romper a barreira entre ele e o mundo lá fora, que Cascudo quebrara à força de um desesperado acesso pela leitura a tudo que chegou ao

seu alcance? Em Natal corre que os serões noturnos de Cascudo suscitaria e o comentário de uma de suas servidoras que duvidava que o mestre fosse tão sabido assim, “então para que estudar tanto...”

Com o término da preparação da História da Alimentação no Brasil, entre setembro de 1962 e fevereiro de 1963, e sua posterior publicação a partir de 1967, Cascudo abriu à curiosidade dos interessados a intimidade do processo da formação dos nossos hábitos alimentares, identificando suas fontes e seu impacto profundo na estruturação do nosso “ethos” alimentar, visualizando assim as bases materiais da nossa cultura, que, como em todo o mundo, se forma também na cozinha e nas mesas de nossas casas.

Finalmente, para dar volta completa no mundo dos assuntos culturais em que vivia envolvido, e dar resposta cabal aos questionamentos que se fazia sobre a nossa incipiente cultura do nosso pequeno estado do semi-árido tropical, ante o rápido passo do progresso material nas nossas áreas do extremo sul temperado e o grande mundo exterior, Cascudo embrenhou-se no matagal conceitual da Etnografia e produziu o volumoso “Civilização e Cultura” que seria editado depois de 1971 e permanece em minha estante à espera de uma leitura acurada, juntamente com o “Golden Bough” de Frazer. Cascudo tenta em seu último esforço de clarificação da etnografia teórica se embarcar em distinguir o “processocivilisatório” de que tanto se ocupou o grande Darcy Ribeiro e acabou por se encantar, do “processo cultural” donde se formam as comunidades nacionais para interagirem como protagonistas da vida coletiva internacional, depois de integradas em torno dos seus valores.

Quanto ao meu relacionamento pessoal com o velho professor, há muito pouco a dizer. Até os 11 anos, quando entrei para o Ateneu, no ano de 1930, nada sabia do Cascudo nem de suas atividades no ensino em Natal. Mas ao entrar no Ateneu fui encontrar um meio cultural mais complexo, com jovens do meu grupo etário mas já expostos à vida urbana que se desenvolvia longe do subúrbio onde eu morava, na avenida Alexandrino de Alencar N.º 556, num vasto sítio de mangueiras. O ano escolar de 1931 começava devagar, sem pressa, os primeiros dias gastos em fazer contatos: Mas uma dessas manhãs luminosas de Natal havia um grande alvoroço pelas galerias e corredores do Ateneu. Chegara um professor de história e todos os alunos mais bem informados se precipitavam para ocupar as cadeiras disponíveis, na sala onde o homem iria falar. Fui entrando e divisei na turbamulta dos estudantes um senhor de meia altura, grande cabeleira castanho escura que saltou de dentro do chapéu quando se descobrira. Tomou assento na sala apinhada. Notei que ele possuía enormes olhos azuis. Era o professor Luis da Câmara Cascudo, o Cascudinho como era conhecido entre os estudantes. Não me lembro do que falou na ocasião, mas pelo silêncio do auditório o interesse era grande sobre o que iria dizer. Ai desce o pano.

Passaram-se anos. Vivi no Recife, no Rio e no exterior. Nunca fui aluno de Cascudinho, no que perdi muito. Mas a aura que o cercava não m'o deixava esquecer. Fui visitá-lo em Natal uma vez pelos anos de 75. Recebeu-me cordialíssimamente e foi buscar um exemplar do meu livro "A TERCEIRA AMÉRICA" que cobriu de elogios. Disse-me tê-lo recomendado a um Embaixador brasileiro que o visitara. Saí, obviamente, gratificado. Sempre que procurei o Professor Cascudinho

ele ma recebia carinhosamente saudando-me de “gola azul”, aludindo ao uniforme de gola azul do Ateneu que eu usara tanto tempo.

Na última vez, Cascudo já velho e surdo, fomos consultá-lo, com um grupo ecológico, sobre a onda de comercialização da áreas urbanas de Natal tocada pelo turismo selvagem que se desatava sobre a cidade. Cascudo leu o bilhete (ele se comunicava por escrito) e declarou-se do nosso lado que nos opunhamos a essa onda, e concluiu: “Recusarei qualquer oferta que tenda reduzir a minha residência da Avenida Junqueira Aires, onde estamos, a um reles prédio de apartamentos sobre pilotis, para aluguel.”

Temo que algum parente em dificuldade, aliado a algum político sem escrúpulos tente agora, depois de desaparecimento do grande professor, dar um destino menos nobre à casa onde viveu e criou sua notável obra científica o gênio da etnografia brasileira que foi Cascudo, o farol da cultura do Rio Grande do Norte.

CASCUDO, UM MESTRE E UM AMIGO.

Nilson Patriota

Tive, e tenho, uma ilimitada admiração pelo sábio Luís da Câmara Cascudo. Entretanto, meu convívio com ele não foi dos mais assíduos. Eu o freqüentava, sim, abismado no manancial de seu imenso saber humanístico, colhendo fervorosamente as maravilhas emanadas de sua incomparável inteligência. Sei que era recompensado com a sua atenção. Cascudo foi, antes de tudo, um homem afável e cordial, um perdulário esbanjador de inesgotáveis e infinitas bondades. Digam-no as centenas de prefácios com que enriqueceu a obra alheia na província... Estava sempre disponível e propenso a estimular as virtudes daqueles que o conheciam, mesmo que ignorassem nele o gênio exuberante e as imensuráveis capacidades humanas e vocacionais que possuía.

Ainda muito moço, vivendo aquele tumulto de incertezas e desesperos a que estão condenados os adolescentes deste mundo, sobraçando um pilha de contos e o temor do amanhã, eu o visitava para mostrar-lhe o que tinha escrito e lhe falar de minhas aspirações e esperanças. Cascudo me escutava grave, sereno, circunspecto. Quando eu acabava, ele sorria, brincava comigo, contava histórias engraçadas, lembrando fatos de sua vida e da vida de homens que um dia também haviam passado pelo mesmo drama que naquela hora parecia só meu. Assim fazendo, estimulava-me enquanto minimizava meus sobrossos, receios e dúvidas. Depois brincava comigo, perguntava por Zila, por Dorian, por

José, por Garcia. “Andam por aí” — eu dizia. Cascudo ria, zombava, fazia careta, e em seguida mandava que eu fosse baixar noutra terreiro, que ele precisava trabalhar.

Certa vez induziu-me a ler Carlyle mostrando-me em *Os Heróis* uma sentença cujo significado era mais ou menos assim: “O pensamento uma vez desperto não torna a dormir, pois desenvolveu-se num sistema de pensamento e cresce, homem após homem, geração após geração — até que alcança a sua estatura plena, e *tal* sistema de pensamento não pode crescer mais, devendo dar lugar a outro”.

Era um grande homem com uma grande compreensão das grandezas da sabedoria. Tenho dele infinita saudade.

Cascudo foi um inesgotável provedor de saber, e disso esteve sempre consciente. Brincando, gracejando, ia passando aos outros, de forma alegre, espontânea, profusa, partes de seu alentado conhecimento, faces desconhecidas de sua alma singela, brincalhona, e de sua cultura enciclopédica. E a tudo enriquecia com o tom coloquial de sua voz de sonoridade pura, com a euforia e o prazer de ensinar e de viver. Tinha um modo pitoresco de relatar os fatos da história e da vida, e um senso de humor que não o abandonou jamais. Ninguém o definiu melhor que o poeta Diógenes da Cunha Lima, seu discípulo e amigo, ao chamá-lo de “um brasileiro feliz”.

A circunstância de viver na província delimitou, certamente, o espectro luminoso de sua projeção verdadeira, mas não evitou que ele se internacionalizasse como figura humana e folclorista. O isolamento da província não conseguiu reter a marca e o aprimoramento

de seu extraordinário saber, o qual acabaria tornando pura e relevante a importância de seu papel cultural e de seu nome para o Rio Grande do Norte, o Brasil e o mundo.

A lacuna por ele deixada, dificilmente será preenchida.

LUIS DA CAMARA CASCUDO E O SERIDO

Olavo de Medeiros Filho

Na pessoa do escritor Luís da Câmara Cascudo, o Seridó sempre encontrou um dedicadíssimo amigo e admirador. Alguns anos antes do nascimento do Mestre, os seus genitores - o alferes Francisco Justino de Oliveira Cascudo e D. Ana Maria da Câmara Cascudo - fixaram residência no Caicó. A família Cascudo desfrutou, no seio da sociedade local, de um vasto círculo de amizades que, inclusive, levou o seu conforto moral ao casal, quando o mesmo foi atingido pelos falecimentos de seus tenros rebentos - Antônio Haroldo e Maria Otávia. É possível que a evocação, por parte do casal, daqueles tempos vividos no Caicó, tenha influenciado o seu filho Luís, no amor àquele rincão sertanejo...

Compulsando-se os artigos escritos por Cascudo, principalmente aqueles publicados nos jornais A REPÚBLICA E DIÁRIO DE NATAL, constata-se a presença de dezenas de trabalhos do Mestre, versando sobre temas seridoenses. Encontraremos notícias das milenares e misteriosas inscrições rupestres, empiricamente estudadas por José de Azevedo Dantas, e que hoje são objeto de acuradas reproduções e análises, procedidas pela arqueóloga Gabriela Martin.

Cascudo também estudou a toponímia seridoense, na qual ainda figuram designações provindas do desaparecido idioma dos Janduís, Canindés e seus aparentados, tapuias que combateram ao lado dos Holandeses, tornando-se depois os principais

protagonistas da Guerra dos Bárbaros, ou Levante do Gêntio Tapuia.

O Mestre Cascudo descreveu os rústicos currais, as sesmarias e as primeiras fazendas da região. Relembrou os longevos e prolíferos patriarcas, troncos de famílias históricas do Seridó. Deu-nos notícia de velhos coronéis, que no período colonial comandaram o Regimento de Cavalaria das Ordenanças da Ribeira do Seridó...

Falou-nos das primitivas capelas e igrejas, e de desaparecidos cemitérios. Cascudo debruçou-se também sobre as antigas freguesias seridoenses e seus reverendos vigários colados, sem esquecer os visitantes apostólicos, as festas e as irmandades religiosas.

Nas *Actas Diurnas* de Câmara Cascudo, são mencionadas as primeiras povoações, vilas e cidades do Seridó, todas elas originadas de uma capela, edificada em terras de uma fazenda.

Foram também objeto de crônicas do Mestre, diversos coronéis e comandantes superiores da Guarda Nacional, sucessora dos corpos de milícias e ordenanças. Cascudo relembrou os abnegados e eruditos mestres de latim do Seridó, responsáveis pela formação de uma plêiade de jovens estudantes, que viriam a formar a elite cultural, religiosa e política da região.

Através de suas *Actas Diurnas*, Câmara Cascudo reviveu os velhos Senadores, Deputados Gerais e Deputados Provinciais do tempo do Império, e os políticos seridoenses do período republicano. Os impetuosos acadêmicos seridoenses, estudantes da Faculdade de

Direito do Recife, propagandistas dos ideais republicanos naquele sertão seridoense.

Povoaram também as crônicas do Mestre, destacados juizes e desembargadores, nascidos no Seridó. Através das *Actas Diurnas* de Luís da Câmara Cascudo, ressurge e revive aquele tradicional Seridó, tão rico de episódios pitorescos, protagonizados pelas vigorosas figuras humanas, que ali viveram.

Disseminadas através de dezenas de livros de Câmara Cascudo, encontram-se profusas referências à região. Em *História do Rio Grande do Norte, Nomes da Terra* e tantos outros trabalhos do Mestre, delineia-se a imagem geográfica, histórica, sociológica, e folclórica do Seridó.

Luís da Câmara Cascudo merece, no coração de cada seridoense, um preito de gratidão e reverência, em retribuição ao grande amor por ele devotado à região, que tanto ele promoveu através dos seus valiosos escritos!

IMPRESSOES DE CASCUDO

Alvamar Furtado de Mendonça

Os tempos são outros. Não há mais lugar para aquela espécie de devoção despertada pela figura do Mestre, suas aulas, sua empatia, sua competência em nos conduzir suficientemente habilitados a enfrentar o que nos esperava além das salas de aula. Impressões que se engajavam pela existência inteira.

Recordava-se com acentuado orgulho, a linha direta de uma formação que provinha, quase sempre, de um mestre-escola ou de um professor que deixava nas sucessivas gerações a marca de sua sabedoria, de sua bondade, de sua filosofia de vida, como se fôssemos personagens saídos de um romance de James Hilton ou de um texto d'Amiciano.

Mestre que reunia alunos em torno de si, de suas idéias, fazendo escola à maneira de um Tobias Barreto, ou de um Miguel Couto, que foram consagrados por gerações e gerações de estudantes que com eles conviveram.

Luís da Câmara Cascudo pertence a essa galeria de Mestres excepcionais, embora não tivesse formado escola. Mas se constituiu um polo intelectual de dimensões nacionais.

Publicado na plaquete "Depoimentos sobre Mestre Cascudo", do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

Escapava, sem esforço, do cotidiano medíocre de nosso sistema escolar, que atendia estudantes de classe média, moldados pelos conceitos oficiais.

É bem possível que eu não saiba explicar muito bem, mas as minhas primeiras impressões de Cascudo, de suas qualidades humanas e intelectuais, se identificam com recordações de infância. Há em tudo isso, nas reminiscências distantes que me acodem neste momento um certo clima do Tirol de outrora, nos idos dos meus primeiros anos, quando zanzava pelas claras avenidas desse bairro de toponímia europeia, que trescalava um odor silvestre dos tempos antigos.

Cascudo vivia numa mansão de generosas mangueiras, que transbordavam os longos e velhos muros, com seus frutos coloridos, exaltando as visões de um menino sem fronteiras e de compulsivos apetites.

Impressionismo que transmitia a intuição de que ali morava gente importante, quando as pitombeiras me preocupavam mais do que a movimentação dos que freqüentavam aquela casa em dias de festa, que não eram raros, e pouca atenção me prendia à presença de um moço de monóculo, poláinas e uma basta cabeleira, que lhe conferiam o perfil de jovem príncipe.

Dias de tranqüila província, que despertavam, de espaço a espaço, com um ruído estridente de um magro e solitário bonde que transitava a avenida Jundiaí em toda a sua extensão, sombreada de opulentas mangubeiras, no tempo em que os passageiros se conheciam e se cumprimentavam.

No começo dos anos 30 me deparei com aquela personagem da ampla mansão da Jundiaí ensinando História no Velho Atheneu, usando fichas de aulas e bom humor, prendendo a atenção da classe com sua eloquência fascinante e gesticulação comedida. Conversava com os estudantes, contando anedotas e fatos pitorescos, nos integrando num mundo sem diferenças. Amizade que se prolongou pela vida toda, fácil de ser conservada e sempre estimulada pela admiração que constituiu a atmosfera do nosso relacionamento afetivo.

De todas essas recordações, algumas de uma fugaz visão do passado, ou da permanência principiada nas salas de aula, sobrevive a imagem do mestre, cujos traços inapagáveis explicam minha saudade.

A BENÇÃO

Diógenes da Cunha Lima

Quando vim estudar aqui, meu pai, que tinha enorme curiosidade intelectual, me advertiu:

— Você gosta de literatura. Em Natal só tem um rio que é Câmara Cascudo. O resto é tudo riacho.

Banhei nas águas desse rio a minha adolescência e maturidade. Inicialmente, tentei sem sucesso me aproximar dele. Mas mesmo sem prestar atenção ao meu entusiasmo, não deixava de ter uma palavra gentil. Um dia, fui fazer o exame oral para a faculdade de Direito, na Ribeira. A banca de História nos assombrava. Lá estava ele presidindo a mesa, com Hélio Galvão e Floriano Cavalcanti. Quis, de todo jeito, chamar a sua atenção. Hélio, o religioso, me perguntou o significado da Revolução Espanhola. Dessacralizei a Igreja Católica como podia. Desde o Santo Ofício. Arrematei dizendo que a Revolução Espanhola representou a falência da democracia e a matança cruel do maior poeta do universo, Garcia Lorca. Cascudo riu e comentou com o austero Professor Floriano Cavalcanti chamando-o pelo apelido carinhoso, “Flor”.

Antes de ser meu professor de Direito Internacional Público, já assistia às suas aulas, em outras classes. Quase nada de Direito, muito de etnografia, cultura

Publicado na plaquete “Depoimentos sobre Mestre Cascudo”, do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

popular, história, anedotas acompanhadas de gestos e caretas, poesia. Um dia, disse que Goethe era a chave. Apenas isso: a chave. Ainda agora lendo **Caos**, a mais nova teoria científica em voga, descubro que até sobre a teoria das cores, Goethe é a chave.

Cascudo me tomou como seu aluno predileto. Um filho, dizia. Foi meu padrinho de casamento em João Pessoa. Creio que fui selecionado pelo meu atrevimento em lhe sugerir estudos e pelo bairrismo de Nova Cruz e Passa e Fica. O tempo só me faz aumentar a devoção ao Mestre. Em minha sala de trabalhos os seus olhos imobilizados no retrato me fazem ver coisas, caminhos, soluções imprevistas.

Freqüentei a sua casa por mais de vinte anos. Tive curso informal de literatura e humanismo. Sou testemunha do amor, da dedicação do casal, do bem querer aos filhos, da alegria pela beleza de Daliana, pelo talento da escritora precoce Camila, e por Niltinho que deu um bom depoimento, recentemente, sobre o avô. Me disse que ao chegar em casa umas flores amarelas (que estavam do outro lado da porta de entrada) lhe cumprimentavam. A flor lhe dava bom dia. E Dhália que lhe calçava as meias e adivinhava suas vontades! quando lhe mostrei o livro, sugerido por Paulo Macedo, Câmara Cascudo, um Brasileiro feliz, me reprovou: “Você está chamando os outros cem milhões de brasileiros de infelizes”. Depois de publicado, para a minha alegria, comentou que era a forma boa de fazer biografia: não definir e mostrar as várias faces e circunstâncias para que o leitor conclua quem é o seu biografado.

Na entrada do seu quarto, havia um retrato de Rubem Ludwig, comigo presente. Gostou muito do ex-

Ministro, chamando-o de meu xará, Ludwig, Ludovicus. Dona Dhália me contou que, antes de deitar, o Mestre atirava beijos ao retrato e nos dava a benção.

Sei que meu padrinho, de onde estiver, com asas, vestido de seda e arminho, abençoa a minha pobre, triste e, agora, saudosa vida.

VIVENCIA COM CASCUDO

Grácio Barbalho

Em breve palavras, falarei sobre a minha convivência com o mestre Cascudo e sua família. Não devo esquecer que, nos idos de trinta, fui seu aluno quando lecionava História do Brasil no Atheneu Norte-Rio-Grandense.

Mas só em 1953 quando, já adulto voltara a morar em Natal é que nasceu a nossa convivência e consolidação da amizade familiar. No final desse ano, enquanto terminava a construção da minha atual residência, um amigo me cedeu a sua casa na praia de Areia Preta. Foi então que surgiu a grata surpresa de ter como vizinhos Cascudo e seus familiares.

Nesse ambiente, as noites eram animadas pela presença de alguns amigos. Lembro-me dos encontros da Praça da Jangada, ao som da musicalidade levada pelo seu filho Fernando Luís, ouvida pelo nosso grupo a quem Cascudo denominava “Clube dos Maridos Oprimidos”.

A partir de então, nosso convívio prosseguiu pelos anos afora. No âmbito da nossa aproximação, devo fazer referência à linguagem própria, irônica ou satírica, que as vezes utilizava ao comentar pequenos detalhes. Assim, em seu livro “Pequeno Manual do Doente Aprendiz”, onde se dispôs a me dedicar um capítulo, diz, referindo-se ao

Publicado na plaquete “Depoimentos sobre Mestre Cascudo”, do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

laboratorista: “Encarregou-se de pesquisar a percentagem inútil de hóspedes no meu sangue e o alarmante crescimento desses hematóbios aproveitadores sem convites”.

E na “Ata Diurna”, onde discorre sobre a programação “Museu do Disco”, que apresentei em 1960 na Rádio Nordeste, revela: “Grácio Barbalho coleciona discos como outros juntam selos, orquídeas, caixa de fósforo ou livros alheios”.

Algumas vezes me pedia, sempre por escrito, esclarecimentos sobre ligeiros detalhes ligados à nossa música popular. Lembro-me que, certa vez, fui à sua casa para entregar pessoalmente alguns dados que me solicitara acerca do samba “Fita Amarela” de Noel Rosa. Ao chegar, encontrei-o sendo entrevistado pela jornalista Lena Frias, na época ligada ao Jornal do Brasil. Ouvei, então, as suas primeiras palavras: “Grácio, esta moça deve ser fria só no nome”.

É evidente que, neste pequeno relato, não poderia me deter no verdadeiro universo do mestre Câmara Cascudo, trazendo a presença do historiador, do pesquisador, do folclorista, da glória cultural do nosso Estado. Aqui estão apenas lembranças daqueles encontros, ressaltando a amizade que une as nossas famílias. Outras incidências de conteúdo original se juntariam às que descrevi e todas elas, certamente, permanecerão na minha memória.

CAMARA CASCUDO — O Professor

Jurandyr Navarro

Em reunião do Conselho Estadual de Cultura, foi sugerido por Paulo Macedo e complementado por Alvamar Furtado, um depoimento pessoal dos Conselheiros, acerca de um fato que se lhe tivesse impressionado em relação à figura marcante, singular e humana de Luís da Câmara Cascudo, objetivando homenagear a sua memória na passagem do seu natalício.

Nascido em Natal, naturalmente que desde a mocidade habituamo-nos a acalentar, no espírito, a sua decantada sabedoria nos mais diversificados ramos das ciências ditas sociais.

Igualmente a todos natalenses, acompanhamos a sua vida de homem bom e de homem culto, iluminado, com o facho ardente da ciência e da fé, as inteligências de muitas gerações estudiosas.

Abstraindo-nos de outras considerações preliminares, abordemos o ângulo principal desta página.

Dentre os atributos inerentes à sua personalidade cultural, o que Câmara Cascudo marcou, indelével, na nossa memória perceptiva, foi a sua postura de Professor.

Publicado na plaquete "Depoimentos sobre Mestre Cascudo", do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.⁵

Adolescente, estudávamos no Marista e o mestre ali ensinava História da Civilização. Dava poucas aulas, mas que eram verdadeiras palestras. Afigurava-se uma espécie de professor-visitante, classificação atualmente dada no ambiente universitário. Pesquisador de alto gabarito, sobrava-lhe, naturalmente, pouco tempo para outras divagações, e mesmo porque o gênio é, por natureza, um tanto dispersivo.

Como dizíamos, impressionou-nos a sua eloquência na sala de aula. Eloquência não só da sua conhecida retórica, mas, também, do conteúdo programático da disciplina que ministrava, pelo peso da sua autoridade de mestre consumado que era.

Recordamo-nos que suas aulas começavam às onze da manhã e ultrapassavam, mais de meia hora, dos cinqüenta minutos regulamentares. No entanto, ninguém reclamava ou sentia fome, já que todos ficavam silenciosos, atentos e embevecidos, como que magnetizados pela magia da sua palavra erudita e convencidora.

E a sua voz, compassada de eloquência didática, percorria o labirinto dos períodos históricos. E dissertava sobre a Babilônia e os seus jardins suspensos. Falava da Torre de Babel e da confusão das línguas ali reinante. Interrogava a Esfinge do deserto tebano. Questionava o Egito e as dinastias dos Faraós, o seu teocracismo político, seus túmulos, suas pirâmides. A religião monoteísta de Aknaton e da sua fiel Nefertiti. Sobre os deuses pagãos. Decifrava a mitologia greco-romana. A cultura da Grécia clássica. A organização de Roma, senhora do mundo. Os séculos de Péricles e de Augusto. E discorria sobre os Códigos das leis dos homens: o de

Hamurabi, de Justiniano e de Napoleão. Perlustrava a vida dos conquistadores: Alexandre Magno, Júlio César e Constantino, o Grande. A vida das mulheres célebres: a bela Cleópatra, rainha do Nilo; Aspásia, a filósofa, amante de Péricles; Joana D'Arc, heroína de França; Maria Antonieta e seus cabelos Brancos...

Essas aulas causavam tanto interesse ao espírito dos alunos, que pareciam como o raiar de uma nova aurora da ciência histórica, lecionadas, com proficiência, por um professor diferente dos outros, e parecido com Aristóteles e Alberto Magno.

Com o período das férias, veio a separação. Do professor eloqüente só restou a lembrança e o eco, cada vez mais distante, da sonoridade da sua voz rouca de barítono.

A aurora radiosa de suas aulas transformara-se na melancolia das tardes matizadas pelo sentimento da saudade.

E a noite desceu, aos nossos corações, no dia da sua despedida.

O IMPONDERAVEL LUIS DA CAMARA CASCUDO

Luís Carlos Guimarães

Falar sobre Luís da Câmara Cascudo é falar sobre o imponderável. Por mais que procuremos conhecê-lo, no ilimitado de sua presença humana, restam áreas inexploradas. Rios nunca navegados, montanhas intransponíveis, um mundo marcado pela surpresa do desconhecido. Aproximar-se dele traduz, apenas, aportar a uma terra que os olhos e o pensamento vêm pela primeira vez. Não traduz o conhecimento de quem pode alardear a descoberta, porque a verdadeira descoberta não é daquele que chega e vê pela primeira vez, no entanto inicial. Descobrir é conviver e cansar os olhos na contemplação permanente. O descobridor não é aquele que realizou a viagem assinalada pelo destino, fundeando a âncora na primeira abordagem, mas aquele que, sucedendo Colombo, no aprendizado forjado em repetidas viagens, plantou no novo mundo a semente do futuro.

Os que quiseram tiveram a revelação do mundo de sabedoria e cultura contido nos livros do mestre Cascudo. Mais de duzentas obras, nas quais os temas mais variados, do folclore à história, da ficção ao ensaio crítico, do tradutor de poetas clássicos ao compilador de contos populares, tantos temas revividos com a força criativa dos gênios verdadeiros. Para citar apenas dois, entre as duas centenas de livros que sua cabaça prodigiosa escreveu,

Publicado na plaquete "Depoimentos sobre Mestre Cascudo", do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

aí estão o “Dicionário do Folclore” e “Civilização e Cultura”, patrimônios das humanidade. Pelo exercício paciente da leitura, podemos nos considerar seus verdadeiros descobridores pela convivência com o mestre Cascudo. E da leitura de seus livros, nesta convivência-descoberta, passamos à intimidade maior de sua presença física no casarão da Junqueira Aires. Que o diga o mestre Américo de Oliveira Costa, habitante e convivente deste continente chamado Luís da Câmara Cascudo, que ao chegar às suas praias mandou celebrar uma missa e devassou a floresta de sua alma e viajou às profundezas do seu coração.

PATRIMONIO CULTURAL DA HUMANIDADE

Paulo Macedo

O momento que agora vivemos traz alegria ao meu espírito, porque nele se homenageia o Mestre Luís da Câmara Cascudo, na passagem de mais um aniversário de nascimento. E a satisfação que experimento é maior quando vejo reunidos o Conselho Estadual de Cultura e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras acolhendo a minha proposta de reverenciar a memória do professor, do intelectual, do folclorista, do pensador, do humanista, do mais brilhante homem de inteligência e cultura da nossa terra e do nosso tempo.

Neste breve depoimento sobre o Mestre de Natal identifiquei fatos significativos e relacionados com a minha vida profissional. Foi ele que prefaciou o meu livro "Memória Contemporânea", depois de ter-me incentivado a escrevê-lo. Surpreendeu-me alguns dias depois, chamando-me à sua residência, determinando, generosamente, que eu me candidatasse à Academia de Letras que fundou e da qual é Patrono. E antes que eu falasse, aduziu: "Já li o artigo segundo, parágrafo terceiro e letra C, dos Estatutos e Regimento. Você faz um jornalismo sério, valoriza a cultura e deve suceder na cadeira número 10, outro jornalista, Bruno Pereira. Quero ser o primeiro a votar em você. E finalizando, disse: é uma ordem". 35 outros Acadêmicos endossaram a idéia de Câmara Cascudo e eu fui eleito para a Academia.

Publicado na plaquete "Depoimentos sobre Mestre Cascudo", do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

A minha amizade com o notável homem do saber fora consolidada quando, no início de minha atividade jornalística, criei a Medalha do Mérito Câmara Cascudo a ser conferida a quem demonstrasse dedicação ao trabalho, esforço profissional, inteligência e contribuição ao progresso e desenvolvimento da comunidade, exemplificando o próprio homenageado.

Enquanto viveu - e gozou saúde, compareceu à solenidade anualmente editada distinguindo personalidades potiguaras e brasileiras com a honraria por ele patrocinada.

Durante trinta anos mantivemos uma amizade fecunda, simpatia e respeito recíprocos, com vantagem para mim por receber lições permanentes sobre a vida e o mundo.

Quando o Mestre morreu eu estava a presidir a política cultural do Estado, na área governamental. E passei a construir a maior homenagem até hoje prestada a um norte-rio-grandense: um Memorial para guardar os seus documentos, os seus livros, os seus depoimentos, síntese das suas conferências no Brasil e no exterior, as suas fotografias, desde a infância até os últimos dias de vida. E diante do edifício néo-clássico uma praça com espelhos d'água, deles emergindo um braço forte e uma mão gigante a acolher a estátua no tamanho natural, 1 metro e 64, do Mestre, no bronze, significando a mão o carinho da cidade pelo seu filho mais ilustre.

E com os materiais da história (pedra, cal e bronze) ali onde a cidade nasceu, estão o homem e o saber, sua obra internacionalmente reconhecida, à disposição dos

estudiosos e pesquisadores, ambiente histórico e cultural, que foi sua atmosfera de vinda e inspiração.

Lembro, finalmente, o grandioso gesto de bondade do Mestre para comigo no último aniversário natalício que celebrou, em sua casa, presentes autoridades governamentais, intelectuais e amigos comuns, ocasião também do lançamento da reedição da “História do Rio Grande do Norte”, tendo a seu lado o Governador José Agripino e o ex-Governador Silvio Pedroza. Disse o Mestre que queria transferir a homenagem que ora recebia para outro aniversariante, no caso eu. Já tinha recebido dele muitas homenagens e distinções mas por aquela jamais esperei. Mas guardo uma frase que o iluminado professor proferiu para mim. Disse ele: “Sinto-me cansado e percebo que sou uma saudade da vida agarrada ao sonho de continuar a viver”.

Mesmo tomado de tão gigantesca emoção, respondi-lhe: “Mestre, o que você foi e o que você fez é de quem amais morrerá”.

CASCUDO: RELEMBRANÇAS

Valério Alfredo Mesquita

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO permanece e é preciso redescobri-lo até nas minudências. Nas gerações do século XX, ele é o pólo magnético que concentra e traduz as emoções da nossa literatura.

A sua grandeza literária já foi exposta com clareza por mestres do quilate de Américo de Oliveira Costa, seu biógrafo, Veríssimo de Melo, Alvarado Furtado, Diógenes da Cunha Lima, Antônio Soares Filho, Otto de Brito Guerra, Grácio Barbalho, corpo seletivo de ex-alunos, amigos e discípulos que mantiveram com ele estreita relação de convivência.

Desejo captar em Cascudo o sentido e o rumor dos densos instantes dos contatos repetidos ao longo de alguns anos. São as sensações - lembranças povoando os espaços da memória, a recomposição de gestos e momentos perdidos, mas de luminosas descobertas da sua genialidade.

Na meninice e na adolescência, a curiosidade era o sentimento que Cascudo me despertava, Só fui entender sua dimensão na Faculdade de Direito. Depois, já na presidência da Fundação José Augusto, passei a freqüentar a sua casa repetidamente, envolvido no projeto de reedição dos seus livros.

Publicado na plaquete "Depoimentos sobre Mestre Cascudo", do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

Recolho, aqui, detalhes do nosso relacionamento pequeno, mas afetuoso.

Cascudo gostava de me chamar "Pisa na Fulô". Alcinha nascida das calcinadas lutas políticas de Macaíba pelas quais Cascudo se interessava, pois, D. Dhália é Macaibense. Jamais perderei a imagem dos seus braços escancarados na saudação alegre quando lhe visitava.

Uma tarde, com os seus familiares, subimos até o terraço do Hotel Othon, na rua Santo Antônio, local onde se descortina uma visão esplendorosa do pôr do sol. O ponto de interseção da mais comovente reação estética que pude extrair dessa visão patética, foi a contemplação simultânea do perfil de Cascudo, o Potengi ao fundo, a cidade ao redor e o céu derramando-se em chamas. Confesso que senti a paz cósmica satisfeita.

A última vez que Cascudo saiu de casa, foi no lançamento de "Folclore no Brasil", no auditório da Fundação José Augusto, final de 1980.

Após o último autógrafo, sentenciou, fuzilando-me com o olhar: " — Pisa na Fulô, você me mata! Outro, só lá em casa!"

E assim foi feito.

CENTENARIO DE NASCIMENTO DO MESTRE CASCUDO

Aluísio Azevedo

O Rio Grande do Norte, representado pelo que há de mais expressivo na cultura, educação, vida social, vida religiosa, e entidades governamentais, tendo à frente a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o Governo do Estado, conclama a população da terra potiguar para a solene comemoração do Centenário de nascimento de LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, símbolo maior da cultura norte-rio-grandense, em todos os tempos, cuja festividade realizar-se-á no final deste ano.

O Mestre Cascudo, que é natalense de nascimento, pois veio ao mundo, a 30 de dezembro de 1898, na antiga Rua das Virgens, no Bairro da Ribeira, dedicou-se, em tempo integral, ao cultivo das letras, produzindo, aproximadamente, 150 obras, nos diferentes campos da literatura. Seu pai, o Cel. Francisco Cascudo, que era um dos homens mais ricos de Natal, logo cedo deu todo apoio ao interesse pelas letras, do seu filho, adquirindo obras, até no estrangeiro e fundando um Jornal, "A Imprensa", para que aquele talentoso jovem pudesse desenvolver suas qualidades intelectuais.

Como relatam os seus biógrafos, Luís da Câmara Cascudo frequentou a Faculdade de Medicina da Bahia, até o 4º ano, mas, ao que parece, aquela não era a sua vocação, pois concluiu depois, com brilhantismo, o curso

de Direito, na Faculdade de Direito do Recife. Segundo ele próprio afirmava, nunca exerceu a profissão de advogado, no entanto, com os conhecimentos adquiridos no curso universitário e os estudos posteriores que realizou, tornou-se o mais respeitado, aplaudido e consagrado mestre, não apenas no Direito, como professor emérito, mas também, como o maior de todos os nossos escritores.

Foi sua a iniciativa de fundar na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ato que se realizou em sua própria residência, a 14 de novembro de 1936. Por se tratar de um homem desprovido de qualquer vaidade, não aceitou a Presidência daquela entidade, cargo que foi ocupado por Henrique Castriciano. Anos mais tarde, fundou a Sociedade Brasileira de Folclore, em Natal, da qual foi o seu 1º Presidente. Pertenceu a todos os Institutos Históricos e Geográficos do Brasil, inclusive o nosso, onde era Sócio Benemérito. Era associado de várias entidades culturais do Brasil e, até, do exterior, além de possuir várias condecorações e títulos honoríficos.

Inúmeras personalidades do mundo das letras fizeram registro sobre a vida e obra do nosso Mestre Cascudo, cada um enfocando os aspectos diferentes de sua profícua existência. Dentre todos, o Cônego Jorge O'Grady de Paiva, a meu ver, foi o mais feliz e expressivo, ao escrever: "De Luís da Câmara Cascudo, cultura e erudição universal de nossos tempos, podemos, sem receio, dizer: é o mais sábio cultor das ciências humanas e o mais humano dos sábios cultores da ciência."

Confesso, com sinceridade, a dificuldade, que tive, de escrever estas linhas a respeito de tão inovidável

figura, em virtudes de minhas próprias limitações, bem como pelo fato de não Ter tido a felicidade de conhecê-lo pessoalmente. Quando ingressei no velho Ateneu, na década de 40, ele já não era professor daquele educandário. Ao iniciar as minhas atividades de pesquisador e escritor, na década de 80, ele já era portador de deficiências visual e auditiva, o que dificultava qualquer comunicação.

Há, no entanto, um fato com o qual tenho convivido, ao longo dos anos de minhas atividades literárias. Trate-se do meu permanente contato com as consagradas obras do Mestre, que muito me ajudaram na elaboração dos meus nove livros, razão pela qual rendo, neste instante, minha homenagem de gratidão e reconhecimento pelo muito que recebi, através de seus ensinamentos.

Desde os remotos tempos de estudante, nesta capital passei a admirar o genial escritor, especialmente por motivo de seus eloqüentes e vibrantes discursos. Eles eram, realmente, magistrais e emocionantes. Ele soube ser um homem humilde e, ao mesmo tempo, genial, que se impunha, em qualquer parte, com a sua cultura. Tinha o hábito de se denominar um “escritor provinciano” quando, na realidade, ele era um homem universal.

Para finalizar, aproveito este espaço para render a minha especial homenagem à memória do eminente escritor, Luís da Câmara Cascudo que, se vivo fosse, estaria completando 100 anos de existência, a 30 de dezembro de 1998, Parabênizo, também, a Diretoria da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e de modo especial a Direção desta Revista, pela feliz iniciativa da

edição deste número, enfocando este grande acontecimento.

MESTRE CASCUDO

Manoel Onofre Jr.

Amigo e discípulo de Luís da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo revelou o lado humano do escritor, em depoimento publicado no Jornal do Comércio, do Recife, e posteriormente em livro¹. Dessa página admirável destaco o seguinte trecho:

“Em Cascudo, o que mais me interessava era a sua permanente alegria de viver. Dentro ou fora de casa, nas reuniões de intelectuais ou gente do povo em geral, Cascudo demonstrava sempre uma alegria esfuziante. Ninguém poderia comparar-se a ele nesse particular. Criava coisas muito mais próprias de meninos danados do que de gente grande e austera”.

Eu conheci Cascudo, fui seu aluno na Faculdade de Direito, fiz várias visitas ao mestre, em sua casa da rua Junqueira Aires, e um dos aspectos de sua personalidade, que maior impressão me causava, era justamente esse, ressaltado por Veríssimo.

Cascudo tinha uma vitalidade incrível.

A primeira vez em que o vi, era ainda menino de calças curtas. Acompanhando meu pai, eu ia passando defronte ao Palácio Potengi, quando deparei-me com aquele senhor bem vestido, que fazia medidas,

¹ “Dos Grandes, um Pouco” – Academia Norte-rio-grandense de Letras – Natal Centro Gráfico do Senado Federal – Brasília, 1992.

gaiatamente exageradas, para um seu companheiro, nas escadarias do palácio. A cena me chamou atenção. Quem ousara comportar-se com tamanha irreverência, em plena sede do Governo ? Papai me disse: — “Aquele é Câmara Cascudo, o homem mais culto do Estado”.

Não mais o esqueci, e quando já estudante do Atheneu, fui, certo dia, até a sua casa para pedir-lhe um depoimento sobre o jornalzinho estudantil que eu, então, dirigia — o “Jornal do Estudante”. Ele me atendeu prontamente. Parece que o estou vendo, em seu escritório, cercado de livros, bonachão, risonho, charuto entre os dedos. Mandou que eu me sentasse em sua cadeira, junto ao birô, diante da máquina de escrever:

— Escreva aí ...

E começou a ditar.

Em poucos minutos, eu tinha em mãos, exultante, um belo texto que — ainda me lembro — começava assim:

“Jornal do Estudante”, órgão de classe, bem merece o interesse solidarista de seus companheiros de trabalho e desejo. Os estudantes podiam e deviam ter a sua imprensa, mesmo contando com a solidariedade dos jornais destinados ao interesse público e de perspectiva mais ampla”.

Eu me desmanchei em agradecimentos, mas ele, cortando-me a palavra, brincalhão, disse-me:

— Agora, vá baixar noutra terreiro.

Anos depois, reencontrei-o como meu professor de Direito Internacional Público, na Faculdade. Suas aulas

eram conversas bem-humoradas. Amigo dos alunos, generoso nas notas, logo conquistou toda turma. Passei a admirá-lo e a estimá-lo cada vez mais.

Chamava-me, afetuosamente, Cruviana.

Em seu livro “Na Ronda do Tempo”, sub-intitulado “Diário de 1969”, ele faz referências a mim e ao meu avô materno, ao relacionar as visitas que recebeu no dia 30 de outubro daquele ano. Diz: “Vêm (...) o Des. João Vicente da Costa, que não envelhece, o escritor Manoel Onofre de Souza Júnior, meu ex-aluno e que apelidei “Cruviana”.

Cruviana — esclareço — por causa do conto de minha autoria, assim denominado. Conto de inspiração folclórica, parece ter causado viva impressão ao mestre.

Em 1967, foi indicado para o Conselho Federal de Cultura, e eu, então repórter do jornal “Tribuna do Norte”, fui entrevistá-lo. Recebeu-me bem-humorado, largando, de vez em quando, gargalhadas imensas. Conversamos, longamente. A certa altura, disse-me: “Considero-me um homem feliz, pois estou aposentado e tenho o que fazer”. Havia interrompido o seu trabalho sobre “Nomes da Terra”, para preparar a terceira edição do “Dicionário do Folclore Brasileiro”, cuja extensão e importância absorviam de maneira total. A publicar, tinha um novo livro — “Motivo de Espanha” —, ao qual referiu-se nos seguintes termos:

“Das minhas leituras, viagens pela Espanha e pesquisas no Brasil resultou o encontro de um grande número de motivos legitimamente espanhóis integrados na cultura popular brasileira. Dei-me ao trabalho de fazer

uma investigação para fundamentar esta influência em alta percentagem inteiramente desconhecida quanto às suas fontes. O livro está terminado e parece até aqui não haver interessado a editor do sul. Também, é verdade, eu não tenho oferecido. Acredito ser uma contribuição legítima para a valorização da presença espanhola no Brasil”.

Este livro não foi publicado. Que fim levou?

Ainda na referida entrevista, a afirmativa de que “foi o Prof. Bruno Pereira quem me “envenenou” no folclore”. Em 1922, Bruno Pereira — também jornalista e advogado — deu de presente a Cascudo um exemplar do “Folclore do Brasil”, de João Ribeiro, cuja leitura despertaria, no jovem literato e historiador, o interesse pelo novo campo de estudos. Anos depois, Mário de Andrade, o papa do Modernismo, aconselhou o amigo Cascudinho: que não perdesse o tempo escrevendo sobre o Conde d’Eu; abraçasse de vez a cultura popular. Daí em diante, Cascudo, efetivamente, voltou-se para a etnografia e o folclore.

Mário de Andrade, quando visitou Natal (dezembro de 1928/janeiro de 1929), hospedou-se no “Principado do Tirol”, a chácara do Coronel Francisco Cascudo, pai do amigo. Em Natal e Bom Jardim, engenho da família de Antônio Bento, fez pesquisas, posteriormente, aproveitadas em livros (“Danças Dramáticas do Brasil”, “Os Cocos”). Mário andou, em companhia de Cascudo, pelo interior do Estado, foi até Catolé do Rocha (PB), passando por Macau, açu, Augusto Severo (hoje Campo Grande), Caraúbas, Gavião (hoje Umarizal) e Martins. De todos estes lugares, o que mais agradou ao grande

escritor paulista foi Martins. Chegando lá, no alto da serra, extasiou-se com a beleza da paisagem:

— Oh! Isto é Teresópolis!

— Não. Teresópolis é que é Martins — rebateu Cascudo.

(De “O Turista Aprendiz” — ed. 1976, pág. 292 — consta: Às 7 e 15 chegamos a Martins, lugar pra héticos, a Igreja azul e branca, largos com árvores, feira dominical no mercado, uma gostosura. Caímos nas mangas”).

Mário e Cascudo demoraram cinco horas na serra, tomaram uma fartada de frutas, após o almoço, na casa do prefeito. Às 12 e 20 partiram “pra vencer a penúltima etapa da viagem: Caicó”. no caminho de Catolé do Rocha fizeram parada numa venda beira-estrada e, como a tarde era azul e perfeita, tomaram em celebração um pileque de cerveja preta, com queijo do Seridó.

Relembra Cascudo:

“Mário passou o resto da viagem bradando, de vez em quando: “Sou um homem feliz”. Na cidade era dia de festa, havia uma procissão, que eles acompanharam, anônimos. Finda a excursão, os dois estavam mais amigos. Um foi para São Paulo, outro ficou aqui, mas nenhum se esqueceu daquela aventura pelo sertão.

“Se não morre — diz Cascudo — seria padrinho do meu filho Fernando Luís”.

De Mário de Andrade a conversa descambou para Guimarães Rosa, então um nome na crista da onda.

“Sou fã dele. Considero uma das organizações mentais mais poderosas de todos os tempos”.

A admiração era recíproca, como se vê na dedicatória de “Grande Sertão: Veredas” — “Grande sábio, grande homem, grande amigo”.

Rosa insistiu para que Cascudo se candidatasse a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Mas, Cascudo esquivou-se, com uma risada:

— Não pedi a mão de minha mulher. Quem a pediu foi o meu pai. Como, então, pedir votos para eleger-me acadêmico? Não tenho coragem.

Admirável figura humana, Cascudinho era bem “o sábio jovial”, uma alma boa, um tipo inesquecível.

Síntese da Obra

Pode-se considerar como marco primeiro de sua bibliografia, no plano nacional, o livro “Histórias que o Tempo Leva” (Monteiro Lobato & Co. — São Paulo, 1924). Antes publicara “Alma Patrícia”, estudos literários norte-rio-grandense (1921), cuja distribuição restringiu-se à província². No “Histórias que o Tempo Leva” revela-se o ficcionista disfarçado em pesquisador e ensaísta: a História vem em feitiço de estória. (Aliás, a distinção entre História (**History**) e estória (**story**) é ensinamento de Cascudo). Livro que se lê de um fôlego, esse. Figuras e

² Ultimamente, vem crescendo o interesse em torno deste livro, que ficou, longos anos esquecido, até ser reeditado pela Coleção Mossoroense.

fatos da História potiguar ganham relevo na prosa mesclada de humor e dramaticidade. Aqui, acolá, algumas palavras “bonitas”, bem ao gosto da época, merecem a condescendência do leitor. Modismos, a que, aliás, não fugiram outros cultores da **História romanceada**, tais como Paulo Setúbal, Viriato Correia, Assis Cintra, etc³.

A este livro sobreveio “Joio” – páginas de literatura e crítica (1924). Em seguida: “Lopez do Paraguai” (1927), “Conde d’Eu” (1933) e outros trabalhos nas áreas da Biografia e da História.

“Viajando o Sertão”, pequeno livro, de 1934, já revelava o interesse do autor pela Etnografia. É importante esta obra, não só pelo seu valor intrínseco, mas também porque com ela Cascudo passou a dedicar-se ao estudo da cultura popular, em que se consagraria. Nesta sua opção, parece ter sido decisiva, como já ficou visto, a influência de Mário de Andrade, com quem mantinha correspondência⁴.

Até o capítulo IV, Cascudo vai narrando episódios e incidentes de viagem ao sertão potiguar, na caravana do interventor Mário Câmara. Daí em frente, muda de método e passa a focalizar, em pequenos estudos, aspectos do sertão, não mais preocupado com a

³ Cascudo, até então, tinha pretensões literárias. Da relação de obras do autor, constante do livro “História que o Tempo Leva”, figuram “a publicar”: “Persephona” (romance de uma cidade triste); “Terras d’Antanho” (ensaios); “Sertão d’Inverno” (contos); “Cajueiro Florido” (novela praieira). - Obras nati-mortas, ao que tudo indica.

⁴ Veríssimo de Melo reuniu e anotou, em volume, “Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo” (Villa Rica Editoras Reunidas Ltda. – Belo Horizonte, 1991).

descrição do roteiro de viagem. Os aspectos: presença dos negros, igrejas e arte religiosa, a cozinha, a intelectualidade, os fundamentos da família, o cangaço de Lampião, o classicismo no falar, a música, a importância da carnaúba, etc.

Ao lamentar a decadência da *cantoria*, diz: “O cancionista satírico, o cancionista heróico, o cancionista lírico do sertão ainda esperam seu codificador. Possuímos os estudos de Gustavo Barroso, o Mestre, João Ribeiro, Lindolfo Gomes, Basílio Magalhães, Alberto de Faria, mais uns vinte ilustres. Gustavo delimitou os ciclos mas sua vida lançou-o para outras atividades. O sertão exige uma existência inteira voltada ao seu amor, ao cuidadoso perpassar de seus anais escritos nos versos alados das modinhas, nos martelos sonantes e nas carretilhas fulminantes”. (2ª. ed. – Natal, 1975 – pág. 54)⁵.

Interessante é que seria ele, Cascudo, mais tarde, quem preencheria essa lacuna com a sua obra de pesquisador, especialmente em trabalhos como “Vaqueiros e Cantadores – Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará”(1939).

⁵ Pode-se discordar de alguns pontos de vista expressos neste “Viajando o Sertão”, por exemplo, o de quando diz que “o cangaceiro não é um elemento do sertão”, e o define como “esses tipos de inadaptação, somas de todos os fatores, vértices para onde convergem as grandezas das taras, tendências, ineducações e impulsos”. (Pág. 42). Talvez faltasse perspectivas ao autor para ver no fenômeno do cangaço a verdade reconhecida, depois, por dezenas de estudiosos: o supramento de tumores causados no *corpo social* do sertão pelo coronelismo & diversos fatores.

Outro ponto polêmico do livro divisa-se na afirmativa de que a energia na conquista e colonização do sertão deve-se ao “sangue valoroso” dos primitivos patriarcas sertanejos, “gente fisicamente forte e etnicamente superior”.

Ainda bem que há muitas opiniões aceitáveis e, mesmo, simpáticas, como, entre outras, aquelas constantes dos capítulos sobre: cozinha sertaneja, arte religiosa, classicismo sertanejo, cantadores, etc.

Foi com este livro que começou a afirmar-se o observador arguto da vida do povo. Despontava o etnógrafo e folclorista do “Dicionário do Folclore Brasileiro” e de outras obras fundamentais. Sua pesquisa determinava-se pelo seu amor à terra e à gente. Assim, num ensaio sobre “As Tradições Populares da Pecuária Nordestina” (1956), por exemplo, não se apresenta nenhuma frieza de coisa demasiado cerebral; tudo ali é quente e pulsa com o coração do homem. Não falta lirismo, nem humor: “Jumento andando de lado e com os pés das orelhas suados valia como certeza de chuvada boa – Larga a orelha do jumento, menino de cotoco! – Nada não, mãe, estou vendo se vai chover!”

Cascudo descreve a vida numa fazenda de gado de antigamente. As casas rústicas – por dentro e por fora -, pegadas aos currais; as horas de comer, que se sabia pelos astros; a denominação dessas horas (quebrar da barra, pino ou pingo do meio dia, boca da noite, etc.); os animais; a missa, uma vez por mês; o espetáculo da cheia, que convém ver: “Lá vem ! Lá vem ! Era a cabeça do rio, a primeira onda suja, fulva, furiosa, macaréu raivoso empurrando as galhadas das árvores arrancadas, corpos de reses, flores, nódoas verdes dos roçados arrebatados no fragor da enchente, tudo confuso, enrodilhado de espuma, torvelinhando no escachão irresistível das primeiras águas infetuosas”.

Esse mundo bem que daria um romance. Mas há “o pudor religioso de não obrigá-lo a entrar para o bojo da garrafa do rei Salomão, nem achatá-lo numa página infiel às luzes e cores realmente possuídas”.

Mundo diferente, mas apresentado com idêntico amor à terra e à gente – o dos jangadeiros, em “Jangada”

(1964). Dividido em dois, este livro trata com calor, primeiramente, do elemento humano, depois exaure o assunto jangada.

“Canto de Muro”, surgido em 1959, seria uma espécie de “romance de costumes”, segundo a expressão empregada pelo autor. No “romance” os personagens são pequenos animais — sapo, coruja, lagartixa, etc. — e o cenário deduz-se do título.

Alguns estudiosos consideram “Canto de Muro”, pela ótica literária, a obra-prima de Cascudo.

Outro trabalho, misto de imaginação e pesquisa, igualmente inclassificável como gênero, aparenta-se como o anterior. Trata-se de “Prelúdio e Fuga do Real” (1974), conversações imaginárias, do autor com grandes personagens da História Universal, notadamente escritores. Aí, tal como nos diversos títulos à margem da memorialística⁶, surpreende-se mais o artista, o homem-de-letras do que o cientista.

Da vasta produção etnográfica & folclórica, dois títulos não poderiam deixar de ser mencionado nesta breve notícia: “Dicionário do Folclore Brasileiro” (1954) e “História da Alimentação no Brasil” (2 volumes, 1967/1968).

O “Dicionário” — que Carlos Drummond de Andrade denominou, com senso de humor, “o Cascudo”, numa alusão ao “Aurélio” — é obra-mestra. *Per se*, bastaria para

⁶ “O Tempo e Eu” (1968), “Ontem” (1972), “Na Ronda do Tempo” (1971), “Pequeno Manual do Doente Aprendiz” (1969) e “Gente Viva” (1970).

consagração do autor. A seu respeito, disse Américo de Oliveira Costa:

“Este “Dicionário” é, na bibliografia cascudiana, a sua **Suma**, no sentido tomístico, escolástico, do termo. O Livro. O seu Livro, completo e insubstituível, definindo-lhe, acima de todos os outros, a personalidade e a obra, se, dos cento e tantos volumes, fosse preciso escolher apenas um” (“Viagem ao Universo de Câmara Cascudo”, Natal, 1969 – pág. 109).

Assim como que a figura estuário, é obra indispensável a toda brasileira que se preze. Avaliando sua importância, para o conhecimento do Brasil, Nilo Pereira não cometeu exagero ao afirmar: “... é um monumento, só comparável aos **Sertões**, de Euclides da Cunha e a **Casa Grande & Senzala**, de Gilberto Freyre” (“Aspectos da Formação Cultural do Homem Brasileiro” — Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras — Natal, 1987 – págs.11/23).

Não menos importante, no mesmo sentido, a igualmente monumental “História da Alimentação no Brasil”. Como se não bastassem a extensão e a profundidade da pesquisa, nas áreas da Etnografia, da Sociologia e da História Social, mostra-se o escritor, o artista da palavra, em plena forma.

Multifário, Cascudo foi, também, o biógrafo de alguns dos mais eminentes potiguares. Tendo convivido com quase todos eles, pôde oferecer à posteridade retratos em corpo inteiro de Pedro Velho (“Vida de Pedro Velho”, 1956), Auta de Souza (“Vida Breve de Auta de Souza”, 1961), Henrique Castriciano (“Nosso Amigo Castriciano”, 1965), Jerônimo Rosado (“Jerônimo Rosado

– Uma Ação Brasileira na Província”, 1967) e João Câmara (“História de um Homem”, 1954).

Da poetisa do “Horto” é o biógrafo maior. Na prosa envolvente, cheia de invenções, não se limita a contar uma vida; ensina-nos como amar a “cotovia mística das rimas”.

Além destes trabalhos biográficos, a parte de sua bibliografia dedicada ao Rio Grande do Norte é imensa. Monografias sobre os municípios de Mossoró, Santana do Matos e Nova Cruz, dezenas e dezenas de notas históricas e biográficas esparsas em revistas e jornais (parte reunida no “Livro das Velhas Figuras”, 7 volumes); explicações da toponímia; estudos da Assembléia Legislativa, do Atheneu Norte-rio-grandense e das paróquias, tudo isto e muito mais, além dos dois livros — suma — “História do Rio Grande do Norte” e “História da Cidade do Natal”⁷.

Fica a evidência: em termos de cultura, o Rio Grande do Norte e o Brasil devem mutuamente a Cascudo.

⁷ Da cascadiana principal, afora as obras já mencionadas, destacam-se as seguintes:

História: “Governo do Rio Grande do Norte” (1939), “Geografia do Brasil Holandês” (1956), “História da República no Rio Grande do Norte” (1965), “Movimento da Independência no Rio Grande do Norte” (1973).

Etnografia e Folclore: “Contos Tradicionais do Brasil”(1946), “Geografia dos Mitos Brasileiros”(1947), “Anúbis e Outros Ensaios” (1951), “Meleagro” (1951), “Literatura Oral” (1952), “Cinco Livros do Povo” (1953), “Superstições e Costumes” (1958), “Rede de Dormir” (1959), “Dante Alighiere e a Tradição Popular no Brasil” (1963), “Made in Africa” (1965), “Voz de Nessus” (1966), “Flor de Romances Trágicos” (1966), Folclore do Brasil” (1967), “Mouros, Franceses e Judeus” (1967), “Coisas que o Povo Diz” (1968), “Tradição, Ciência do Povo” (1971), “Sociologia do Açúcar” (1971), “Civilização e Cultura” (1973), “Religião no Povo” (1974) e “Histórias dos Nossos Gestos” (1976), último livro, em que já se nota o cansaço do escritor.

O HOMEM E O MESTRE

João Wilson Mendes Melo

Ninguém esquece a figura e a postura daquele que ocupou na nossa juventude aquelas cátedras antigas, fortes como o jacarandá de que eram feitas, mas que perdiam em fortaleza e arte para o ocupante revestido do esplendor humano, como homem e como mestre.

Esta acertiva se aplica a todos que nos ensinaram as ciências que nos traziam o conhecimento essencial para a formação do caráter e para o desempenho na vida.

Maioria de razão, tudo isso ocorre quando os alunos fomos nós e quando o mestre foi Luís da Câmara Cascudo e no ambiente que exaltava vontade de saber e seriedade como os salões vastos e acolhedores do antigo Ateneu Norte-Rio-Grandense. Naquele palácio de estilo ogival que a indiferença de alguns homens superou o tempo na ação destruidora e o derrubou em nome da modernidade, no início da era do cimento armado, uniformizador da arquitetura e das cidades.

Alí, a cátedra honrada por tantos professores que a História não pode esquecer, Câmara Cascudo superou a muitos na exposição eloqüente e erudita, cantando numa prosa oral, as coisas do passado do universo e do Brasil, no que tinham de construtivo, no heroísmo fascinante dos homens e das instituições humanas cujos legados vieram da antigüidade, do medievalismo, da idade moderna, irrompendo ainda na nossa fase contemporânea com todo o seu grande vigor.

E ele tinha na voz e nos gestos a técnica milenar dos gregos, na encenação do trágico e do cômico, para comunicar as mensagens que se aplicam a todos os homens e a todos os tempos.

Havia ainda nas suas aulas, de sons a todo volume e de gestos que também falavam como se fossem ecos que movimentassem braços e mãos, o sabor da interpretação pessoal, da inovação no tema, como era o caso da intencionalidade na descoberta do Brasil. Então, os argumentos e as mãos sobre o mapa que ele chamava jocosamente de novo, para a descontração e o riso de toda a classe, mas que estava desbotado e roto, conquistava em cada um, um novo adepto para sua descoberta que revolucionava a História.

Já divisávamos no conteúdo de suas exposições e de sua didática, o novo conceito de **cultura** como abrangente de todas as manifestações humanas e não somente das realizações das cúpulas políticas, sociais ou econômicas; enfim, o início de sua dedicação ao folclore, manifestação cultural do povo.

Na sala de aula éramos alunos; fora, na área interna de estar, na balaustrada da velha Junqueira Aires e em qualquer canto da cidade ou naquele que ele mais amava – sua casa – éramos, cada um, para ele o seu “gola azul”, referência carinhosa ao friso azul na gola da blusa caqui da farda adotada naquele estabelecimento de ensino público.

Era assim o homem da província que se tornou nome respeitado no mundo pelos seus mais de cem livros, de uma erudição humanista e profunda. Era assim

o professor Cascudinho, fraterno, de uma palavra franca e sincera a todos que fazia amigos.

Foi uma das contribuições maiores ao gênio e à cultura universais, da terra em que ele nasceu e viveu e que o exaltará hoje e sempre.

II
Colaboração dos
Amigos da Academia

II

Colaboração dos Amigos da Academia

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DEPUTADO JOAO FAUSTINO, EM SESSÃO SOLENE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, REALIZADA EM 26 DE MAIO DE 98, EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE LUIS DA CÂMARA CASCU DO.

Inicialmente desejo me congratular com a Câmara dos Deputados e, de forma especial, com o Deputado Eduardo Jorge, autor de proposta que possibilitou a realização desta sessão solene em que se homenageia a figura de um dos brasileiros mais ilustres: de um homem que, com sua inteligência, ultrapassou os limites do nosso território ao construir uma obra singular que se tornou universal. A homenagem requerida por um deputado eleito pela população do maior Estado do Brasil, ao norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo, comprova a dimensão nacional do nosso conterrâneo. A sua obra é consagrada e reconhecida em todos os Estados Brasileiros, estudada em várias universidades estrangeiras, conferindo-lhe a condição de maior folclorista do mundo.

Mesmo se dizendo um provinciano incurável, a província aos poucos, pelo seu talento, se transformara na grande janela do mundo.

Luís da Câmara Cascudo era norte-rio-grandense. Sim Cascudo era norte-rio-grandense porque nascera às margens do Rio Potengi, porque pisara o chão que os portugueses construíram no Forte dos Reis Magos, porque foi aluno irrequeto e travesso de Dona Teotônia ou do professor Francisco Ivo, ou ainda porque assistira da varanda da casa da Av. Junqueira Aires, a guerra que ele chamava "santa" em Os Xarias e Os Comguleiros.

Cascudo não foi apenas o norte-rio-grandense mais ilustre, foi sobretudo um cidadão do mundo, pois com o mundo da vida aprendera e para o mundo ensinara.

Foram centenas de livros, obras que o imortalizaram, sendo a maior delas o Dicionário do Folclore Brasileiro.

Era ele que afirmava que aprendera com o povo, observando, registrando e anotando as suas manifestações mais autênticas.

Mesmo tendo freqüentado os cursos superiores de Medicina e de Direito nas cidades de Salvador e do Recife onde bacharelou-se, era com o povo humilde dos bairros das Rocas, da Ribeira, da Cidade Alta, do Alecrim, em Natal que ele colheu o conteúdo para a construção da sua grande obra. A exemplo de Mário de Andrade, seu amigo, Cascudo foi buscar nos gestos, nas canções, nos hábitos, nas danças, nas palavras do povo a fonte inesgotável que o imortalizou.

Quando a Liderança do meu Partido, o PSDB, ontem, no final da tarde, me designou para falar nesta sessão, não hesitei um só segundo, pois sentia que a tarefa não era tão difícil para quem convivera e aprendera com o grande mestre.

Cascudo foi para nossa geração um símbolo, um emblema, uma referência. Era o mestre que ensinava todo tempo em todo os lugares.

Lembro-me quando estudante da Faculdade de Filosofia, no ano 1963, fui indicado por vários diretórios acadêmicos para disputar a presidência da União Estadual dos Estudantes do meu Estado. Visitei e fiz

campanha em todas as faculdades, inclusive na de Direito onde era professor o mestre Câmara Cascudo.

A minha condição de candidato ousado, a procura de votos, me obrigava a interromper aulas de professores eméritos. Alguns permitiam a interrupção, outros mandavam fechar as portas para que não se estabelecesse uma ruptura no discurso pedagógico. Até que chegamos à classe do professor Câmara Cascudo, pedi licença, disse que se tratava de uma campanha político-estudantil e solicitei alguns minutos para falar à turma.

O mestre não só permitiu, mas foi mais além e disse: “da minha matéria essa turma sabe demais o que eles precisam aprender é fazer política.”

Talvez com aquela frase o nosso homenageado estivesse relembando a campanha de que participou e de que foi vitorioso para a Assembléia Legislativa do Estado. “Ganhei mas não levei”, como ele mesmo dizia. Ganhou mas não exerceu o mandato em virtude da revolução de 1930.

O mandato político de Cascudo foi efêmero, todavia sua prática política foi consistente na verdadeira acepção da palavra política, ou seja: a ética da “polis”. E à maneira dos gregos ele ensinava nas rodas dos amigos, no velho Atheneu, na Faculdade de Direito, na sua biblioteca, na sala de jantar da sua casa, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, na imprensa onde em 1918, no jornal do seu pai, escreveu o seu primeiro artigo. Três anos depois, em 1921, publicava o seu primeiro livro “Alma Patrícia”.

Em várias ocasiões subi as escadarias do casarão da Av. Junqueira Aires, como Secretário de Educação e Cultura da cidade do Natal ou como secretário de Estado sendo sempre muito bem acolhido, de forma carinhosa pôr ele e por Dona Dahlia sua sempre e dedicada companheira.

Tenho tido o privilégio, ao longo da minha vida, de desfrutar da amizade dos seus filhos Ana Maria, Fernando Luís e do seu genro Camilo Barreto.

Muito mais, mas muito mais, se teria a dizer sobre o cidadão que um dia renunciou o convite à Academia Brasileira de Letras pôr não se dispor a se ausentar da sua Natal e a renunciar a visão mágica do mais belo pôr do sol do mundo vislumbrado, todos os dias, através da sua janela. Quando lhe homenagearam com o prêmio “Juca Pato”, os seus autorgantes se deslocaram até a capital potiguar para dizer àquele “Provinciano Incurável” que o Brasil todo o reverenciava e nós, neste momento, representantes que somos do povo brasileiro, também o fazemos em comemoração ao centenário de nascimento desse que foi folclorista, romancista, etnologo, ensaísta, professor, jornalista, filósofo, antropólogo, sociólogo, enfim, mestre do povo e da gente do Brasil.

CARTA A LUIS DA CAMARA CASCUDO

Maria Emília de Rodat Wanderley

Quero dizer-lhe uma coisa que vai emocionar-lhe, meu querido MESTRE CASCUDO: estamos todos ocupados com os preparativos para a festa do dia 30 de dezembro de 1998. Seus livros, contos, pesquisas e toda sua obra estão espalhadas por esta sua terna cidade.

As Pastoras, Dianas, Contra-Mestras e as ciganas com os azuis e os encarnados farão o Baile Pastoril.

Os Maracatus virão de Pernambuco, mas o Bumba-meu-boi com os vaqueiros e o Capitão do Mato virão dos municípios mais próximos.

A chegada, congos e fandangos trarão a orquestra com os violões, cavaquinhos, violas, o banjo e a rebeca.

Os Babelôs, com a sua orquestra de percussão, virão da Praia de Areia Preta.

E o grande Pan, Pan-Megas! ... aquele filho de Penélope, neto de Ícaro, trará a flauta de bambu, com a doce melodia erótica.

Os homens se revestirão com a elegância do Centauro, rapagão de trinta e cinco anos, sólido, possante, sadio, face lisa e olhos penetrantes e perguntadores, vindo da região dos bosques e águas correntes e junto ao filósofo Epícuro, falarão do prazer

sem os sentidos. Prazer ! Razão de viver ou a alma é uma função orgânica como o fígado?

Também os passos certos do bailarino Caetano Apoline Vestris, o florentino que se fez francês — **“Le Dieu de la Danse”** — bailando para Luís XV, Luís XVI e hoje para Luís da Câmara Cascudo.

O Barão de Munch-Hausen no microfone dirá que sem mentira não se vive e a vida é uma longa viagem, mas a verdade é agressiva, desagradável e até hostil.

A Amazona Pentesileia trará a pedra jade dos muiraquitãs como oferta e amuleto para sua felicidade.

Maria Madalena, aquela que nasceu em Mágdala, mulher que amou e serviu ao Divino Mestre, virá com o melhor aroma da Galiléia, juntar-se-á a nós para repetir aquele ritual: “Lavando-lhes os pés, cobrindo-os de aromas e enxugando-os com os cabelos.”

Depois todos nós cantaremos baixinho para lhe embalar: “A galope, oh, fantasia. Plantemos nossa tenda em cada estrela!”

CASCUDO*

Oswaldo Lamartine

*Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mas me há de ficar inda por dizer...
(Camões, III 5)*

Quem já viu se pedir uma coisa dessas! E ademais, falar dele é louvar os seus feitos em meio século de trabalho teimoso que nem cururu de goteira, ali, sem se arredar dos chãos da infância, resistindo aos acenos de climas e horizontes alheios, dizendo, ensinando, falando e escrevendo para uns poucos, contagiando moços com os estudos da terra e indiferente ao chamamento material da cesta do mercado. Dizer, um a um, dos feitos, eu não me atrevo. É uma carretilha, um nunca acabar de artigos, ensaios, estudos, palestras, conferências, plaquetes, monografias e livros, emendado como cantiga de grilo, por todos esses anos de vida e vivência. Do meu entendimento só existe uma pessoa que pode fazer uma lista dos rastros do velho Cascudo em nossos chãos. É a querida amiga Zila Mamede. Pois bem, Zila é quem se atreveu a tanto. E já é tempo de se desenterrar essa bibliografia...

Agora, dizer o que fez o mestre Cascudo nas letras desta terra minha dos três reis, é o mesmo que falar em Juazeiro do Ceará sem se lembrar do meu Padim Ciço. Canudos sem o Conselheiro. Cantador sem Ignácio da

* Transcrito da Revista Província N.º 02

Catingueira. Sabedoria de bicho sem o matemático Canário. Caçador-de-onça sem Cazuza Sátiro. Sêca sem 1877 e inverno sem 1924. Pois bem, faz de conta que ele não existe nem existiu. Imaginem o que seríamos nós, órfãos de saber, ainda lendo história na boa mas velha História de Tavares de Lira. De uma literatura de cordel sem a interpretação de *Vaqueiros & Cantadores*. Todo um mundo perdido com suas assombrações, usanças, brinquedos, gestos, objetos, danças, rezas, mezinhas, cantos e falas ausentes de um *Dicionário do Folclore Brasileiro* (Folclore ainda é sinônimo de anedota para muita gente de anel no dedo...). E quem explicaria todo o intrincado bê-a-bá das comidas que comemos — dos mingaus dos primeiros dias aos dos derradeiros — de como começou, de onde veio, como se fazia e se faz, para que servia, o que era, tudo em receita de tim-tim por tim-tim na *História da Alimentação*? E isso, assim pela rama, para falar apenas em três dos seus livros. Esmiuçar cada um, ou enumerar sequer os outros, é emendar pela noite a dentro com o risco de perder-se nas veredas sem fim. E ele ensinou por todo esses anos o porquê de cada nome da nossa geografia. Quem inventou cada coisa em nossos mundos. Quem foi fulano. O que fez beltrano. Desenterrou a história de nossos chãos e rastejou seus rastros. Viu a influência dos nossos troncos velhos — miolos de aroeira — na formação para-jerimum, sem arrodeios, documentando cada afirmativa — prego batido de ponta virada.

E os *contagiados*? O que seria deles e dos vazios nos temas que estudaram? Ausente estaria o folclore infantil de Veríssimo (o meu confrade em magrenha. É que se tivéssemos nascidos bovinos ainda seríamos *gado do vento*. Quem diabo ia gastar ração com a gente?). Nem os carros de boi da Várzea do Açú teriam seu

cronista em Manuel Rodrigues. Talvez o meu amigo Hélio continuasse entrincheirado no Código Civil, mas cadê a dádiva de *O Mutirão no Nordeste* (que os cardeais do cooperativismo esqueceram de batizar e adotar) nem as *Cartas da Praia* — escritas com sabor de cafuné em rede na fresca da sombra dos alpendres. E o clã mossoroense do gordo Vingt-Un (100 kg de coração *que o próprio mar não encheria*) que responde e ecoa o aboio de Cascudo nas quebradas do Oeste. E tem tanta gente mais... Qual o livro para-jerimum que nestes últimos trinta anos foi escrito sem um conselho, ajuda, orientação, rumo, empurrão e até prefácio de Cascudo? Eu mesmo, sem o contágio, não teria cometido qualquer escrito (o que, na verdade, talvez não fizesse falta aos outros). Quando muito, em afoiteza, quem sabe um bissexto verso de pé-quebrado, pois frustado e confesso sou, um cantador de feira, sem ganzá, rimas nem idéias... E nem sei dizer direito quando aconteceu.

É que me fiz menino conhecendo aquele rapaz e depois homem que freqüentemente ia lá em casa conversar com meu pai. Muitos anos depois, na Bastilha (nossa república de estudantes em Lavras, MG), Vingt-Un matava saudades lendo *as Acta Diurna* e ia me passando os sobejos de suas leituras. Voltei. E no sertão comecei a me interessar por etnografia indígena, arrebanhando *pedras de corisco* e, aqui e acolá, sempre que vinha a Natal e o tempo não se importava, ia na casa dele, perguntar coisas, escutar explicações e, assim, sem me sentir, ia me envenenando. Daí engatinhei medroso, espiando, lendo, perguntando, tomando notas, alguns escritos de fundo de gaveta. Muito tempo depois apojei-me nos livros que falavam daquelas mesmas coisas e me atrevi a rabiscar o trabalho primeiro. Mais tarde ganhei os

mundos e me distanciei dele e dos meus chãos — mas aí já estava sem jeito...

Assim, sempre que faço a minha Páscoa anual — regressar ao sertão é ficar em estado de graça — volto a subir os degraus da Junqueira Aires, 377. É muito pouco. O que fiz, o que estou fazendo e o que imagino fazer. Se não tivesse aquela escada e lá em cima ele — o que teria feito?...

Homem, para encurtar conversa, eu tenho prá mim que se Deus mandar outro dilúvio, na banda da arca que tocar ao Rio Grande do Norte, basta botar um macho, uma fêmea e os escritos do velho Cascudo — que o resto afunda — mas não tem quem acabe a história...

LUIS DA CAMARA CASCU DO, MEU MESTRE

Hamilton de Sá Dantas

Tive a honra de conhecer esse incomparável erudito humanista ainda quando estudava no Colégio Marista de Natal na década de cinqüenta. E quem no Rio Grande do Norte não o conhecia, não o encontrou, sequer por uma vez, em sua vida? Não era só um escritor infatigável. Quando fora de sua mansão na Junqueira Aires, revelava-se humilde peregrino da cultura, a fazer palestras para estudantes. Deu aulas no Ateneu por longos anos.

Mas foi na Faculdade de Direito do bairro da Ribeira, no entanto, que tive a honra de estreitar os meus laços de admiração, amizade e respeito quando fui, durante todo o ano de 1964, no segundo ano, o seu aluno de Direito Internacional Público.

Naquela época o estudante já saía do Ginásial com uma sólida base nos estudos da literatura brasileira e portuguesa — além de, como não poderia deixar de ser, fortes incursões na História do Brasil e Geral.

Pois bem, o mestre CASCU DO, com a sua vasta cultura e vivência humana e universal, como observador de países e povos, dava-nos uma aula, uma verdadeira aula, que mais parecia peregrinações ao vivo aos lugares que ia, com o brilho de sua inteligência, desenhando em nossas mentes jovens e novas, sonhadoras e idealistas, os contornos de seus vôos longos e inebriantes.

Hoje, posso melhor avaliar a dimensão de suas palavras, a profundidade de sua comiseração, de sua solidariedade. O sentimento de um homem múltiplo, diversificado, parece-me mais profundo, mais marcante — que só o tempo nos leva a refletir sobre a sua grandeza — sobretudo quando essa manifestação teve por fonte a pessoa sobre a qual o Rio Grande do Norte nunca deixou de reverenciá-la como um dos seus maiores e mais festejados heróis. Agora, quando recordo aquele feliz e efêmero encontro, melhor avalio o quanto foi grande esse maravilhoso ser humano do qual fui aluno. Ele, na faculdade, conseguia desprender-se de toda a sua numerosidade e cultura que acumulara, e quando ali estava conseguia ser — não-tão-só — o nosso enciclopédico, mas sempre o nosso acessível e atencioso professor.

Outro acontecimento que ainda guarda com relação ao nosso homenageado da década de 60 e que se passou no antigo Cinema REX, em Natal, deu-se quando da passagem de CARLOS LACERDA, no ano de 1965, em campanha política rumo á Presidência da República, o qual, após haver sido saudado pelo então Senador CORTEZ PEREIRA, destacou, no curso expositivo de apresentação de sua plataforma política, o nome de LUÍS DA CÂMARA CASCUDO como um dos ícones da cultura e da civilização brasileira, enfatizando a sua marcante para a compreensão das origens sociais e políticas da nação brasileira.

Creio que o mestre Cascudo não se resumia só no escritor numeroso, quântico, que ficou em todos nós. Era, como dito antes, um peregrino da cultura, a pesquisar, a ensinar, a escrever, a produzir livros — tanto que foi um dos escritores brasileiros que mais prefaciaram e, na sua

produção literária, cifra-se um total de quase uma centena e meia de livros escritos.

Não — aquelas aulas, que nos enlevavam por entre povos, gentes, costumes, culturas e etnias — jamais as esquecerei. E quem haveria de esquecê-las? E não era só a fluência de sua oratória que nos envolvia. Não era só o charme de suas descrições que nos arrebatavam por viagens intermináveis. Era, sobretudo, o dito em meio a sua ironia ingênua, grandiosa, inofensiva. O riso largo, contagiante, oceânico.

Deslumbrava-se, com a visão que lhe propiciava a posição privilegiada do seu casarão, que ficava numa colina, a contemplar, em sonhos alados, a ver o pôr-do-sol, do rio Potengi. Como se fosse ontem, vejo-o com sua cabeleira branca, farta, cabelos insubmissos e esvoaçantes, a voz firme, as idéias como sempre claras, fulgurantes, siderais.

Ele foi um homem tocado pela força dos desígnios insondáveis. O mesmo que o ex-governador e embaixador JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA disse de AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE, digo-o agora dele:

“Pela lição de humanismo, de vitalidade, de militância cultural, de paixão existencial, pela capacidade de ação e pela memória singular, costume repetir que Austregésilo recebeu a graça dos deuses.”

Por fim, gostaria de concluir esse depoimento sobre o inesquecível professor, com o “poemeto para o primeiro aniversário do seu falecimento”, de autoria do sempre festejado escritor NILO PEREIRA, que também passou

como este a sua infância na bagaceira do engenho Verde-Nasce, conforme segue:

*“Casculo, meu bom Casculo,
Por serdes vós quem és;
Como diz Mário de Andrade
Em carta que te mandou.
Quem aqui fala, bem sabes,
É o Barão do Guaporé,
Cambiteiro do Verde-nasce,
Teu amigo, teu devoto.
Não te faço o elogio,
Porque bem sei da resposta:
E mentira, mas é gostoso:
Continuamos mentindo
No teu sagrado louvor.
E aqui me calo, temeroso
Da tua palavra final:
Vai baixar noutra terreiro:
Aqui baixei, esta noite,
No nosso terreiro histórico,
Para te dizer, grande mestre,
Que estás vivo, bem vivo,
Eterno no nosso lembrar.”*

CASCUDO, UM ANO DEPOIS

Cláudio Emerenciano

Cascudo morreu como viveu: tranqüilamente. Seus atos fundaram o homem que ele sempre foi. Sua genialidade era original. Por quê? Porque nos laços que ele criou, nas pessoas e coisas que ele amou, nos ideais em que acreditou, no sentido que deu ao seu próprio ser, à sua vida, aos seus sentimentos, à sua criatividade, estabeleceu uma identidade simples e peculiar entre o homem e o Gênio. Nele coexistiam o cidadão do mundo e o cidadão amante de sua terra, de sua cidade e de sua gente. Poucas pessoas desenvolveram, como ele, uma obra universal sem renunciar aos seus renovados compromissos com a cultura do seu povo. Jorge Dias, antropólogo português de renome internacional (já falecido), dizia que sua obra era tentacular por seu alcance planetário. Atribuía-lhe uma faculdade genuína que consistia em detectar caracteres que estão em todos os povos e todas as culturas. Cascudo, de Natal, enxergou o mundo através de uma sensibilidade que lhe permitia entender e compreender a odisséia humana em todas as latitudes. Aproximando-as e relacionando-as.

Cascudo mergulhava na alma humana através daqueles sentidos que transpõem as barreiras do tempo. Numa obra erudita e meticulosa sob o título de “Cinco Livros do Povo”, ele imergiu na alma do nordestino, em

Publicado na plaquete “Depoimentos sobre Mestre Cascudo”, do Conselho Estadual e Cultura do Rio Grande do Norte.

valores cultivados desde o século XVI, nos albores de nossa formação cultural. Ali captou em outro ângulo as verdadeiras origens do que nós somos. Porque nas fazendas, desafiando até a intolerância da inquisição, preservou-se uma literatura, muito mais por via oral do que por textos impressos. Repetia-se, no Nordeste, uma tradição judaica, que consistia em adestrar crianças na memorização de tudo quanto era indispensável preservar para a perpetuação de uma identidade cultural, religiosa, política e moral. Assim ele enveredou por caminhos que o atraíram às origens do que se convencionou chamar de civilização cristã ocidental. E que o conduziram a estabelecer ligações entre o mundo medieval, por exemplo, e a vida do nosso povo em pleno século XX. Referindo-se aos “Cinco Livros do Povo” e mais à História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França (eternizados, até hoje, por improvisadores, emboladores e pela literatura de cordel), ele estabelece essa admirável convergência entre a cultura universal e a regional: “Todas essas novelas refletem o trabalho pessoal, mas o enredo, os fios do tema, a maneira de situar as soluções levarão o pesquisador para os domínios mais recuados da universalidade novelística. Será sempre o universal no regional”.

Por isso entendemos que o humanismo de Cascudo foi como o de Exupéry. Sua fidelidade foi com o homem. Para ele não havia preconceitos, tabus, restrições ou limitações. Era um erudito com linguagem simples, objetiva, lúcida e efetiva. Se é possível cunhar uma máxima sobre sua vida, sua obra, suas relações, seus sentimentos, certamente nada melhor alcança esse sentido do que essa sentença de Exupéry: “Nada tem sentido, se aí não misturei meu corpo e meu espírito”. Mas a gênese da obra de Cascudo não se esgotou. Está

viva. Acompanha a vida do nosso povo. Porque o que ele descobriu, dignificou, amou, calorizou, está em cada um de nós. Em todos os Brasileiros, em todos os nordestinos e, especialmente, em todos os norte-rio-grandenses. Cascudo realizou uma simbiose inimaginável. Misturou no seu modo de ser tudo quanto seríamos capazes de aspirar, sonhar, imaginar e descobrir. Ele revelava uma obstinada preocupação com aquelas motivações que faziam o povo se reunir, juntar-se, relacionar-se e explodir em suas manifestações culturais. Para ele nada mais era tão nocivo e tão obscurantista quanto as restrições ao entendimento e às relações das pessoas. Era nessa comunicação que o seu universo adquiria vida e mobilidade. Sua capacidade de renúncia era, de certo modo, estóica. Sua vida simples, tranqüila, voltada para os estudos e para o seu universo de familiares e amigos, que se estendiam por países e continentes, animava-se pelo exercício de uma liberdade: a liberdade da alma, que abrigava toda a sua fantástica criatividade.

Na África, ele realizou inúmeras pesquisas. Uma delas relatada em “Civilização e Cultura” (editora Itatiaia, pág. 581) ele revela a amargura de um velho que não podia mais acompanhar os cânticos dos mais jovens: — Por que choras, Macavane? — Estou velho, não posso cantar. — Tu gostas de cantar? — Quando o preto canta, Chicuembo repousa... (Deus descansa). Cascudo canta. Não descansa. Porque o seu canto é a seiva que ele descobriu, mostrou e distribuiu pelo mundo afora. É a seiva que une os homens, em seus sentimentos e sua cultura. É a seiva que fundamenta o humanismo, que identifica no homem essa morada do próprio Deus. E como o seu tabernáculo, Cascudo o amou com sua genialidade. E o amando, amou os homens e a vida.

BIOGRAFIA

III

Biografia
Livros Publicados
Livros Inéditos

- 01. ...
- 02. ...
- 03. ...
- 04. ...

III
Biografia
Livros Publicados
Livros inéditos

BIOGRAFIA

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, nasceu a 30 de dezembro de 1898, no bairro da Ribeira, em Natal/RN e faleceu em 30 de julho 1986. Foi batizado pelo padre João Maria (09-05-1899). Coursou Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, até o quarto ano, preferindo ser bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife/PE (1928). Foi professor emérito (1966) e doutor honoris causa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1978), lecionou Direito Internacional Público na UFRN.

Pertenceu a todos os Institutos Históricos e Geográficos do Brasil. Sócio Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Era o mais antigo sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (30-07-1934). Fundador da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (1936).

Autor de mais de 150 publicações, entre as quais:

- 01 **Versos reunidos** (Lourival Açucena – compilados por Luís da Câmara Cascudo). Natal. Typ.d'A Imprensa, 1920.
- 02 **Alma Patrícia** (Crítica Literária) Natal, Atelier Typ. M. Vitorino, 1921.
- 03 **História que o tempo leva...** (da história do Rio Grande do Norte). Prefácio de Rocha Pombo. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.
- 04 **Joio** (Literatura e Crítica). Natal. Gráf. A Imprensa, 1924.

- 05 **López do Paraguay** (Ensaio). Natal. A República, 1927.
- 06 **A intencionalidade no descobrimento do Brasil**. Natal. Imprensa Oficial, 1933. 2ª ed. Funchal. Typ. De O Jornal, 1937.
- 07 **O Homem Americano e seus temas** (Tentativas de síntese). Natal. Imprensa Oficial, 1933.
- 08 **O Conde D'Eu**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Col. Brasileira, Vol. II, 1933.
- 09 **Viajando o Sertão**. Natal. Imprensa Oficial, 1934.
- 10 **Em memória de Stradelli** (Biografia, jornadas geográficas, tradições, depoimentos, bibliografias). Manaus, Livraria Clássica, 1936. 2ª ed. Manaus, Governo do Estado, 1967.
- 11 **Uma interpretação da couvade**. São Paulo. 1936
- 12 **Os índios conheciam a propriedade privada?** São Paulo, 1936.
- 13 **Notas para a História do Atheneu**. Natal, R. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1937.
- 14 **Conversa sobre a Hipoteca**. São Paulo, 1936.
- 15 **O Marquês de Olinda e seu Tempo (1793–1870)**. Prefácio do Conde de Affonso Celso. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1938, Col. Brasileira, vol. 107.
- 16 **O Doutor Barata; político, democrata e jornalista**. Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1938.
- 17 **Peixes no idioma tupi**. Rio de Janeiro, 1938.
- 18 **Vaqueiros e Cantadores** (Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e

Ceará). Porto Alegre, Livraria do Globo, 1939. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1944.

- 19 **Governo do Rio Grande do Norte** (Cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais, governadores republicanos e interventores federais, de 1597 a 1939). Natal, Livraria Cosmopolita, 1939.
- 20 **Informação de história e etnografia**. Recife, Of. De Renda, Priori, 1940. 2ª ed. Recife, Edição Tradição, 1944.
- 21 **O mais antigo marco colonial do Brasil**. Natal, Centro de Imprensa, 1940.
- 22 **O nome “Potiguar”**. Natal, 1940.
- 23 **O Povo do Rio Grande do Norte**. Natal, 1940.
- 24 **As lendas de Extremoz**. Natal, 1940.
- 25 **Montaigne e o índio Brasileiro** (Tradução e notas do capítulo “Des Cannibales”, dos *Essais*). São Paulo, Cadernos da Hora Presente, 1940.
- 26 **Fanáticos da serra de João do Vale**. Natal, 1941.
- 27 **O Brasão holandês do Rio Grande do Norte** (Tentativa de interpretação). Natal, Imprensa Oficial, 1941.
- 28 **O presidente Parrudo**. Natal, 1941.
- 29 **Sociedade Brasileira de Folk-lore** (Pedibus tardus, Tenax cursu). Natal, Oficinas do D.E.I.P., 1942.
- 30 **Seis Mitos Gaúchos**. Porto Alegre, 1942
- 31 **Viagens ao Brasil** (Henry Koster, traduções e notas de Luís da Câmara Cascudo). São Paulo, Companhia Editora Nacional, Col. Brasiliana, vol.221,1942.

- 32 **Lições etnográficas das “Cartas Chilenas”**. São Paulo, 1943.
- 33 **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo, Martins, 1944. 2ª ed. São Paulo, Martins, 1956. 3ª ed. São Paulo, Martins, 1965. 2 v.
- 34 **Os melhores contos populares de Portugal** (Seleção e estudo de Luís da Câmara Cascudo). Rio de Janeiro, Dois mundos, 1944. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969.
- 35 **No átrio** (Fábio Fiallo, tradução de Luís da Câmara Cascudo). Pensamentos da América, 1944.
- 36 **Lendas Brasileiras** (21 histórias criadas pela imaginação do povo). Rio de Janeiro, 1945.
- 37 **Contos tradicionais do Brasil** (Confrontos e notas). Rio de Janeiro, América-Editora, 1946. Salvador, Progresso, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.
- 38 **Festas e Tradições populares do Brasil** (Mello Moraes- edição revista e notas de Luís da Câmara Cascudo). Rio de Janeiro, Briguiet, 1946. – Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.
- 39 **História da Cidade do Natal**. Natal, Prefeitura Municipal, 1947.
- 40 **Simultaneidade de ciclos temáticos afro-brasileiros**. Porto, 1948.
- 41 **Geografia dos Mitos Brasileiros** (Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras). Rio de Janeiro, José Olympio, 1947. Col. Documentos Brasileiros.
- 42 **Tricentenário de Guararapes**. Recife, 1949.

- 43 **Gorgoneion. Estudos sobre amuletos.** Madrid, 1949.
- 44 **Consultando São João** (Pesquisa sobre a origem de algumas adivinhações). Natal, Departamento de imprensa (Sociedade Brasileira de Folclore), 1949.
- 45 **Ermete mell" Academia e la consulta degli oracoli.** Nápoles, 1949.
- 46 **O Folclore nos Autos Camoneanos.** Natal, Departamento de Imprensa, 1950.
- 47 **O símbolo jurídico do Pelourinho.** Natal, 1950.
- 48 **Custódias com Companhias.** Porto, 1951.
- 49 **Conversa sobre Direito Internacional Público.** Natal, 1951.
- 50 **Os velhos entremezes circenses.** Porto, 1951.
- 51 **Atirei um limão verde.** Porto, 1951.
- 52 **Os Holandeses no Rio Grande de Norte.** Natal, Ed. Departamento de Educação, 1949.
- 53 **Anúbis e Outros Ensaio** (mitologia e folclore). Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1951.
- 54 **Meleagro** (Depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil). Rio de Janeiro, Livraria AGIR, 1951.
- 55 **Com D. Quixote no folclore brasileiro.** Rio de Janeiro, 1952.
- 56 **A mais antiga igreja do Seridó.** Natal, 1952.
- 57 **O fogo de 40.** Natal, 1952.
- 58 **O poldrinho sertanejo e os filhos do visir do Egipto.** Natal, 1952.

- 59 **Tradição de um cuento brasilenõ.** Caracas, 1952.
- 60 **Os mitos amazônicos da Tartaruga** (Charles Frederick Hartt – Tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo). Recife, Arquivo Público Estadual, 1952.
- 61 – **Literatura Oral.** Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, Col. Documentos Brasileiros, vol. 63-A, 1952.
- 62 **História da Imperatriz Porcina.** (Crônica de uma novela do século XVI, popular em Portugal e Brasil). Lisboa, Ed. De Álvaro Pinto (Revista “Ocidente”), 1952.
- 63 **Em Sergipe d’El Rey.** Aracaju, Ed. do Movimento Cultural Sergipe, 1953.
- 64 **Cinco Livros do Povo** (Introdução ao estudo da novelística no Brasil. Pesquisas e Notas). Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora, Col. Documentos Brasileiros, vol. 72, 1953.
- 65 **A origem da vaquejada no nordeste brasileiro.** Porto, 1953.
- 66 **Alguns jogos infantis no Brasil.** Porto, 1953.
- 67 **Casa de surdos.** Madrid, 1953.
- 68 **Pedro Velho Antologia** (Albuquerque Maranhão – Edição anotada por Luís da Câmara Cascudo). Natal, Departamento de Imprensa, 1954.
- 69 **Cantos Populares do Brasil** (Sílvio Romero – Ed. anotada por Luís da Câmara Cascudo e ilustrado por Santa Rosa). Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora, Col. Doc. Brasileiros, vols. 75-75 – A, 1954.

- 70 **Contos Populares do Brasil** (Sílvio Romero – Edição anotada por Luís da Câmara Cascudo e ilustrada por Santa Rosa). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, Col. Documentos Brasileiros, 1954.
- 71 **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954 (1ª ed.). – Idem, Idem, 1962 (2ª ed.). Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969. – Idem, Instituto Nacional do Livro, 1972 (3ª ed.).
- 72 **História de um Homem** (João Severiano da Câmara). Natal, Departamento da Imprensa, 1954.
- 73 **Comendo Formiga**. Rio de Janeiro, 1954.
- 74 **Os velhos caminhos do Nordeste**. Natal, 1954.
- 75 **Contos Exemplares** (Confrontos e notas de Luís da Câmara Cascudo). Salvador, Progresso, 1954.
- 76 **No tempo que os bichos falavam** (Confrontos e notas de Luís da Câmara Cascudo). Salvador, Progresso, 1954.
- 77 **Contos de Encantamento** (Confrontos e notas de Luís da Câmara Cascudo). Salvador, Progresso, 1954.
- 78 **Cinco temas do HEPTAMERON na literatura oral**. Porto, 1954.
- 79 **Pereira Costa**, folclorista. Recife, 1954.
- 80 **Lembrando Segundo Wanderley**. Natal, 1955.
- 81 **Notas para história da paróquia de Nova Cruz** (Prefácio do Monsenhor Alair Vilar de Melo), Natal, Arquidiocese de Natal, 1955.

- 82 **Leges et consuetudines nos costumes nordestinos.** La habana, 1955.
- 83 **Paróquia do Rio Grande do Norte.** Natal, Departamento de Imprensa, 1955.
- 84 **História do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do MEC, 1955.
- 85 **Notas e documentos para história de Mossoró.** Natal, Departamento de Imprensa, Col. Mossoroense, série C, 2, 1955
- 86 **Notícia Histórica do Município de Santana do Matos.** Natal, Departamento de Imprensa, 1955.
- 87 **Trinta Estórias Brasileiras** (Seleção, estudo e notas). Lisboa, Portucalense Editora, 1955.
- 88 **O fundamento de toda metafísica** (Walt Whitman – Tradução de Luís da Câmara Cascudo. In Osvaldino Marques: “Videntes e sonâmbulos”, “Coletâneas de poemas norte-americanos”). Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do MEC, 1955.
- 89 **Função dos Arquivos.** Recife, 1956.
- 90 **Geografia do Brasil Holandês.** Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, Col. Documentos Brasileiros, vol. 79, 1956
- 91 **Vida de Pedro Velho.** Natal, Departamento de Imprensa, 1956
- 92 **Jangada** (uma pesquisa etnográfica). Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do MEC, 1957 (1ª ed.). Rio de Janeiro, Editora Letras e Artes, 1964 (2ª ed.).
- 93 **Comadre e Compadre.** Porto, 1956.

- 94 **Literatura Oral Brasileira** (ensaio). Rio de Janeiro, José Olympio Editora, Col. Documentos Brasileiros, 1956 (1ª ed.). – Idem, Idem, 1978 (2ª ed.).
- 95 **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, (Brasil Doc., Vida Rural, 9), 1956.
- 96 **Jangadeiros**. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, (Brasil Doc., Vida Rural, 11), 1957.
- 97 **Supertições e Costumes** (Pesquisa e notas de etnografia). Rio de Janeiro, Livraria Antunes, 1958.
- 98 **Poesia** (Antônio Nobre – compilados por Luís da Câmara Cascudo). Rio de Janeiro, Livraria AGIR, 1959.
- 99 **Poesia** (Domingos Caldas Barbosa – compilados por Luís da Câmara Cascudo). Rio de Janeiro, Livraria AGIR, 1958.
- 100 **Universidade e Civilização**. Natal, 1959
- 101 **Canto de Muro** (Romance dos Costumes). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1959.
- 102 **Rede de Dormir** (uma pesquisa etnográfica). Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do MEC, Col. Vida Brasileira, 1959.
- 103 **A Família do Padre Miguelinho**. Natal, Departamento de Imprensa, (Coleção Mossoroense, série B, 55), 1960.
- 104 **A noiva de Arraiolos**. Madrid, 1960.
- 105 **Temas do MIREIO no folclore de Portugal e Brasil**. Lisboa, 1960.

- 106 **Conceito sociológico do vizinho.** Porto, 1960.
- 107 **Atheneu Norte-Rio-Grandense** (Pesquisa e notas para sua história). Natal, Imprensa Oficial, Col. Juvenal Lamartine, 1961.
- 108 **Etnografia e Direito.** Natal, 1961.
- 109 **Breve história do Palácio da Esperança.** Natal, Departamento de Imprensa, 1961.
- 110 **Vida Breve de Auta de Sousa (1876-1901).** Recife, Imprensa oficial, 1961.
- 111 **Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul** (Erland Nordenskiöld – Tradução do Professor Protásio de Melo. Introdução e notas de Luís da Câmara Cascudo). Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército (Coleção Taunay), 1961.
- 112 **Roland no Brasil.** Natal, Tip. "Santa Teresinha", 1962.
- 113 **Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil:** la Divina Comédia, Lavita nuova, Il Convívio. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1963.
- 114 **O Grande Fabulário de Portugal e Brasil.** Lisboa, 1963.
- 115 **A Cozinha Africana no Brasil.** Luanda, Imprensa Nacional de Angola, 1964.
- 116 **Motivos da Literatura Oral da França no Brasil.** Recife, 1964.
- 117 **Made in África** (pesquisas e notas). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965.

- 118 **Dois Ensaios de História** (A intencionalidade do descobrimento do Brasil. O mais antigo marco de posse). Natal, Imprensa Universitária, 1965.
- 119 **O nosso amigo Castriciano** (1874-1947-rememoração e notas). Recife, Universidade de Recife, Imprensa Universitária, 1965.
- 120 **História da República do Rio Grande do Norte** (da propaganda à primeira eleição direta para governador). Rio de Janeiro, Edições do Val Ltda., 1965.
- 121 **Voz de Nessus** (inicial de um Dicionário Brasileiro de Superstições). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Divulgação, 1966.
- 122 **Flor de Romances Trágicos**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.
- 123 **Jerônimo Rosado** (Uma ação brasileira na província – 1861-1930). Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1967.
- 124 **Mouros, Franceses e Judeus** (Três presenças no Brasil). Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1967.
- 125 **História da Alimentação no Brasil** (pesquisas e notas). 2 volumes, Col. Brasileira, vols. 323 e 323-A. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1º vol. 1967, 2º vol. 1968.
- 126 **Coisas que o Povo diz**. Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1968.
- 127 **Nomes da Terra** (História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte). Natal, Fundação José Augusto, 1968.

- 128 **O Tempo e Eu** (Confidência e Proposições). Natal, Imprensa Universitária, 1968.
- 129 **Prelúdio da Cachaça** (etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil). Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Álcool – Coleção Canaveira, n.º 01, 1968.
- 130 **A vaquejada nordestina e sua origem**. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.
- 131 **Pequeno Manual do Doente Aprendiz** (notas e maginações). Natal, imprensa Universitária, 1969.
- 132 **Gente Viva**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- 133 **Locuções Tradicionais no Brasil**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970 (1ª ed.). Rio de Janeiro, Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, n.º 5, 1977 (2ª ed.).
- 134 **Sociologia do Açúcar** (pesquisa e dedução). Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Instituto do Açúcar e do 'Álcool, Col. Canaveira, n.º 5, 1971.
- 135 **Tradição, Ciência do Povo** (pesquisa na Cultura Popular do Brasil). São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.
- 136 **Na Ronda do Tempo** (Diário de 1969). Natal, Imprensa Universitária, 1971.
- 137 **Ontem** (Maginações e notas de um prof. De província) Natal, Imprensa Universitária, 1972.
- 138 **Uma História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte** (Conclusões-Pesquisas-Documentários). Natal, Fund. José Augusto, 1972.

- 139 **Prelúdio e Fuga do Real.** Natal, Fundação José Augusto, 1972.
- 140 **Seleta** (Organização, estudos e notas do Prof. Américo de Oliveira Costa) Coleção Brasil Novo. Rio de Janeiro/Brasília, Editora José Olympio/INL, 1973.
- 141 **Civilização e Cultura** (pesquisas e notas de Etnografia Geral). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973.
- 142 **Religião no Povo.** João Pessoa, Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.
- 143 **O Livro das Velhas Figuras** (pesquisas e lembranças na história do Rio Grande do Norte). Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1974.
- 144 **Movimento da Independência no Rio Grande do Norte.** Natal, Fundação José Augusto, 1974.
- 145 **Três Ensaios Franceses.** Natal, Fundação José Augusto, 1977.

LIVROS INÉDITOS

- 1 – História da Literatura Norte-Rio-Grandense
- 2 – História do município de Ceará-Mirim
- 3 – História do Rio Grande do Norte para escolas
- 4 – História da Carnaúba
- 5 – Nomes de ruas e praças da cidade do Natal
- 6 – O livro dos patronos
- 7 – Brazilian Folk-Lore
- 8 – Barbosa Rodrigues, J. Poranduba amazonense (ed. anotada).
- 9 – Mello Moraes, Cancioneiro dos ciganos (ed. anotada)
- 10 – Mello Moraes, Os ciganos no Brasil (ed. anotada)
- 11 – Charles Hartt, Mitologia indígena do Amazonas (ed. traduzida).

APOIO:

